

BEATRIZ MARIA PIZETTA BAPTISTELLA

**TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO MEDIADORA NA INCLUSÃO DE INDIVÍDUOS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

**FLORIANÓPOLIS, SC
2016**

**UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL**

BEATRIZ MARIA PIZETTA BAPTISTELLA

**TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO MEDIADORA NA INCLUSÃO DE INDIVÍDUOS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para aprovação na especialização.

Orientador: Prof^o Dr. Cristiano Neves

FLORIANÓPOLIS, SC

2016

Beatriz Maria Pizetta Baptistella

**TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO MEDIADORA NA INCLUSÃO DE INDIVÍDUOS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização em Educação na Cultura
Digital da Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC como requisito para aprovação na
especialização.

Orientador: Prof^o Dr. Cristiano Neves

Prof. Henrique César da Silva, Dr.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^o Dr. Cristiano Neves

Orientador

Universidade UFSC

Prof^o Ms. Caetano Castro Roso

Prof^o Dr. Alaim Souza Neto

Florianópolis, 02 de agosto de 2016.

Dedico o presente trabalho a Deus e aos pais pela vida, a minha família que de uma forma especial sempre estiveram presentes me incentivando e apoiando, aos professores, tutores, orientador, colegas e alunos que muito contribuíram nesta caminhada.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o tema sobre Tecnologia Assistiva como mediadora na inclusão de indivíduos com necessidades especiais. Inicialmente buscando a conjuntura teórica da realidade do uso e acesso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas esferas federais, estaduais e da Unidade Escolar EEB Sara Castelhana Kleinkauf. Sempre observando as legislações, os referenciais teóricos e a evolução das tecnologias digitais através da história. Com a análise do contexto escolar e entraves no direcionamento curricular para a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), buscou-se a descrição dos recursos humanos e físicos, focando os desafios das tecnologias na escola e as características das gerações que se fazem presentes no meio com embasamento de estudiosos na educação. O uso da Tecnologia Assistiva foi detalhado através da pesquisa direcionada aos professores do ensino regular e que também trabalham com alunos com necessidades especiais, seu uso, a aplicabilidade, as dificuldades encontradas e como elas podem contribuir na aprendizagem, inserção e inclusão dos indivíduos na escola e na sociedade. Conforme revela a pesquisa, os recursos tecnológicos são amplamente utilizados no dia a dia pelos professores e alunos, porém ainda solicitam formação e capacitação para a melhor utilização principalmente dos recursos de Tecnologia Assistiva e do material tecnológico existente objetivando um trabalho significativo e de qualidade.

Palavras-chave: Tecnologia Assistiva. Necessidades Especiais. Inclusão. Professores.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	CONJUNTURA TEÓRICA DA REALIDADE DO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	8
2.1	Evolução Histórica das TDIC.....	16
3	CONTEXTO ESCOLAR E ENTRAVES NO DIRECIONAMENTO CURRICULAR PARA A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	21
3.1	Desafios das TDIC no Contexto Escolar.....	27
3.2	Características das Gerações.....	31
4	O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA NO CONTEXTO DA EEB SARA CASTELHANO KLEINKAUF.....	34
5	CONCLUSÃO.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO.....	55

1 INTRODUÇÃO

“Tecnologia Assistiva como mediadora na inclusão de indivíduos com necessidades especiais” tem como objetivo discutir a possibilidade de uso dos recursos de Tecnologia Assistiva como ferramenta que possibilite a inclusão dos educandos ao ambiente escolar. Neste momento importante de discussão, elaboração e transição de políticas educacionais que dizem respeito às diretrizes, linhas e as práticas educativas, faz-se necessário a análise de conjuntura e da legislação atual vigente no que se refere a inclusão e a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e Tecnologia Assistiva (TA) aos alunos.

No capítulo “Conjuntura teórica da realidade do uso e acesso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação” através de pesquisa e referenciais teóricos busca-se a luz da realidade e das políticas públicas; nacionais, estaduais e da unidade escolar a aplicabilidade de todas essas legislações com foco na perspectiva de inclusão de indivíduos com necessidades especiais. Importante também o resgate da evolução histórica das tecnologias digitais.

No “Contexto escolar e entraves no direcionamento curricular para a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação” é imprescindível identificar os recursos humanos, físicos, pedagógicos, desafios das TDIC no contexto escolar, propondo alternativas para a superação dos obstáculos e meios para se maximizar e potencializar as qualidades conforme as características das gerações presentes.

Em “O uso da Tecnologia Assistiva no contexto da EEB Sara Castelhana Kleinkauf” apresenta dados relacionando com teorias levantadas ao longo do trabalho, buscando perspectivas de inserção dos recursos de Tecnologia Assistiva aos indivíduos com necessidades especiais através da análise do questionário.

Nesta etapa é relevante a utilização de fontes primárias com a elaboração de questionário para professores do ensino regular e segundos professores que trabalham com alunos com necessidades especiais. Este questionário composto de questões objetivas, bem como questões abertas e subjetivas. As questões abertas com significativa importância, pois manifestam opiniões diversas para serem analisadas.

O universo de pesquisa é seletivo por ser o segmento diretamente envolvido nas atividades do dia a dia com os alunos com necessidades especiais. O questionário foi aplicado simultaneamente aos envolvidos. A opinião, as ideias desse grupo de professores se tornam extremamente relevantes porque também sentem as dificuldades no desenvolvimento do trabalho e podem no conjunto contribuir na elaboração e adoção de medidas para possível

solução de problemas. Citações e pesquisas bibliográficas complementam o trabalho objeto de estudo. O resultado da pesquisa revela fatos importantes para a compreensão do tema. Por ser grande o número de opiniões elas chegam a divergir de tal forma que em determinados pontos são contraditórios. Na conclusão são pontuadas ações essenciais e fundamentais na perspectiva de equacionar esses paradoxos.

2 CONJUNTURA TEÓRICA DA REALIDADE DO USO E ACESSO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Estima-se que no mundo existem mais de 600 milhões de pessoas com alguma deficiência, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil os dados são do censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com as pessoas de 10 anos ou mais de idade, por tipo de deficiências, segundo o sexo, as classes de rendimentos nominais mensais e grupos de idade. As deficiências visuais foram classificadas como; não consegue de modo algum, grande dificuldade e alguma dificuldade. As auditivas com as classificações; não consegue de modo algum, grandes dificuldades e alguma dificuldade. Das deficiências visual e auditiva os que se declararam em pelo menos uma delas somaram-se 44.073.377. Das deficiências motoras 646.881 não conseguem de modo algum, 3.648.017 possuem grande dificuldade e 8.689.981 apresentam alguma dificuldade. Conclui o senso com as deficiências mental/intelectual somando 2.409.419. Somam-se a essa população realidades adversas, com condições muitas vezes precárias, baixa renda e baixo nível de escolarização. Tudo isso só vem a aumentar as dificuldades, as barreiras, desigualdades, desinformação e preconceitos.

[...] a questão da deficiência atinge, indiretamente, 73,8 milhões de pessoas, o que representa 43,44% do total de brasileiros. São parentes e amigos que se dedicam a ajudar os portadores de deficiência nas atividades do dia a dia. Esse percentual não engloba o número dos profissionais que atuam no atendimento dessa parcela da população. [...] colocar a legislação em prática significa proporcionar melhor qualidade de vida não somente para as pessoas portadoras de deficiência física, mas também para aquelas que prestam algum tipo de auxílio a elas. (REDE SACI, 2004).

Esta constatação, ainda que desatualizada, torna-se atual quando alerta para o número de pessoas direta e indiretamente envolvido com os indivíduos com necessidades especiais. Mais ainda quando faz menção a legislação a qual tem evoluído muito nesta última década.

Segundo Sassaki:

No Brasil, a grande maioria dos 17 milhões (24,6 milhões, segundo o censo 2000) de pessoas com deficiências tem sido excluída de todos os setores da sociedade, sendo-lhes negado o acesso aos principais benefícios, bens e oportunidades disponíveis às outras pessoas em vários tipos de atividades, tais como educação, saúde, mercado de trabalho, lazer, esporte, turismo, artes e cultura. Esta afirmação, que se apresenta como uma denúncia consta em vários documentos, moções, relatórios, palestras, etc. (SASSAKI, 2004, p.18).

Enquanto para o censo de 2010 a soma das deficiências visual, auditiva, motora e mental/intelectual, o número sobe para 59,4 milhões. Esse número por se tratar da somatória

das deficiências pode não corresponder exatamente ao número de indivíduos com necessidades especiais. Pois um indivíduo pode apresentar além de deficiência visual e auditiva, também outras deficiências como motora, ou mental. Porém estes números levam a reflexão dos desafios e da caminhada para se alcançar a inclusão em uma sociedade almejada. Mantendo sempre o respeito às diferenças, a garantia dos direitos a acessibilidade, a valorização, a inserção do indivíduo na economia, no social e cultural. Como cita Sasaki as pessoas com deficiência têm sido excluídas de todos os setores da sociedade.

Passada décadas as Legislações, Políticas Educacionais e Orientações vêm sofrendo alterações. As necessidades de evolução em uma era marcada pela competição, progressos científicos e a inserção das tecnologias em todos os campos do conhecimento exigem novas regulamentações, orientações e avanços para uma escola voltada para a formação e inclusão de cidadãos comuns e os com necessidades educativas especiais.

Na Constituição Federal de 1988 abre a possibilidade de construir uma escola sob novas perspectivas educacionais. Legislação é o que não faltam para implementar melhorias e mudanças necessárias. A garantia de que a educação é direito de todos está em seu Art. 205. No Art. 208, inciso III, faz referência ao atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, os quais devem preferencialmente ser atendidos na rede regular de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, deixa claro que a educação especial deve perpassar o ensino comum em todos os seus níveis, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. No Capítulo V em seus artigos 58 e 59 determina que em seus sistemas de ensino definam os currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender as necessidades dos indivíduos, visando a efetiva integração na sociedade e a inserção no mercado de trabalho. Compreendem-se aqui todos os recursos de Tecnologia Assistiva bem como adaptações necessárias para uma educação de qualidade aos alunos com necessidades especiais até sua inserção ao ambiente escolar e social.

[...] Aos que nada veem de bom na LDB, gostaríamos de dizer que o esforço do senador Darcy Ribeiro não foi em vão, de um congresso vetusto como o nosso, só pode sair uma lei antiquada. Mesmo assim, a Lei contém avanços ponderáveis, que permitem, sobretudo em seu senso pela flexibilidade legal, rumar para inovações importantes. (DEMO, 1997, p.95).

As Diretrizes Curriculares Nacionais têm gerado nas últimas décadas importantes reflexões, debates e documentos em torno do direito a aprendizagem e ao desenvolvimento.

Neste momento está sendo elaborada uma preliminar o que subsidiará a Base Nacional Comum. Em um de seus documentos que tratam da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define que:

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (MEC/SEESP, 2007, p. 1).

Assim a inclusão se dá pela inserção do indivíduo com necessidades especiais envolvendo e participando do ensino regular. Essa socialização despertará a aceitação, valorização, convivência e desenvolvimento através da integração.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa Educação Inclusiva (2014), tem como objetivos de ampliar e aprofundar conhecimentos sobre aspectos legais, de espaço de aprendizagem, encaminhamentos, articulação da escola comum com Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE). Sugerir e implementar ações pedagógicas voltadas a promover o acesso, participação e aprendizagem.

No documento de Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define como uma ação política, cultural, social e pedagógica. E que todos têm o direito de estarem juntos, aprendendo sem nenhuma discriminação. Tudo isso fundamentado na concepção dos direitos humanos que trata as igualdades e diferenças como valores indissociáveis. Relata:

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas. (MEC/SEESP, 2007, p. 1).

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) em sua Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva sinaliza para a necessidade de reformulação e avanços para superar práticas discriminatórias e ao mesmo tempo em que possa inserir os indivíduos com necessidades especiais com todas as suas especificidades atendidas. Necessita-se de uma mudança estrutural e cultural para que esses anseios possam ser

cumpridos. Não bastando apenas garantia da matrícula, mas sim possibilitar as condições para que o aluno possa participar, interagir, desenvolver e aprender. Um sujeito humano, real realmente integrado ao meio. (MEC/SEESP, 2007, p. 1).

Conforme estudos E-Proinfo, Núcleo de Base 2, currículo é um processo que trata do ensino e da aprendizagem dos estudantes e como devem ser orientados. Conteúdos comuns, disciplinas, princípios, metodologias, recursos didáticos, estratégias didáticas, manejo da situação de ensino e aprendizagem, respeitando as características específicas de cada contexto e a diversidade englobando os conteúdos curriculares mínimos para todo o país através dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Propõe o que ensinar e como ensinar, bem como os critérios de avaliação. (BRASIL, 1999).

Existem várias definições e compreensão de currículo que transcendem e reproduzem diversas épocas sendo que cada um traz consigo consequências pedagógicas. Pode contribuir e estimular a construção de conhecimentos, saberes, fazeres, preparando o aluno crítico, autor de sua história ou pode favorecer para a formação de um educando passivo, submisso, aceitando a reprodução da sociedade sem questioná-la, sendo instrumento de manutenção dos valores existentes e impostos. Todas as abordagens sempre apresentam algo novo e positivo que sirvam as necessidades e características de cada época.

O currículo não é neutro, traz consequências pedagógicas, podendo contribuir para a construção de conhecimentos, saberes, fazeres, preparando o aluno crítico e independente, autor de si próprio, ou pode favorecer a alienação como forma de aceitar a sociedade tal como se apresenta sem questionamentos. (E-PROINFO, Núcleo de Base 2, 2014).

É um processo aberto e contínuo no limiar de mudanças profundas que incluem as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) e principalmente a Tecnologia Assistiva (TA). Há necessidade de um currículo que integra as TDIC em processos que expandem os tempos e espaços educativos; envolvem busca, organização, interpretação e articulação de informações, a reflexão crítica, o compartilhamento de experiências, a produção de novos conhecimentos, na compreensão histórica do mundo e das ciências (ALMEIDA; VALENTE, 2011). Conforme autores é importante ressaltar o conceito de Web Currículo, que através deste, o currículo pode se expandir para além dos espaços educacional formal e se integrar com outros lugares e comunidades de produção de saber científico e do senso comum. Desta forma contribuindo para uma sociedade educadora onde as experiências, a investigação, a pesquisa, as produções, os valores e os conhecimentos não ficam restritos somente no espaço pedagógico e sim se tornam públicas para a sociedade em geral.

A integração currículo x TDIC que tão distante e difícil de ser concretizada em ambiente escolar, já é imprescindível em um mundo globalizado. As tecnologias e formas avançadas e precisas unem o mundo e os deixam conectados como se tudo estivesse reunido em um só lugar no mesmo instante de tempo.

A globalização do mundo da interação das tecnologias pode evidenciar o processo de integração com objetivo comum. Independentemente da diversidade cultural existe a construção coletiva. Essa integração também deve existir no contexto escolar. Pode ser difícil compreender como o mundo está conectado e integrado enquanto a escola ainda sente dificuldades em conectar-se com si mesma. Na história a escola sempre atendeu os interesses de cada época. No entanto neste ritmo a escola está ficando para trás, não acompanhando as evoluções e as mudanças tecnológicas. (E-PROINFO, PLAC 3, 2014).

O estado de Santa Catarina respalda-se nos documentos oficiais ao adotar o princípio da educação inclusiva. Constituição Federal (1988), Constituição Estadual (1989), Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996), Resolução nº 01 (1996), Lei Complementar nº 170 (1998), Decreto Presidencial nº 3956, As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), o Programa Educação Inclusiva (2004), Decreto nº 5296 (2004). (SANTA CATARINA, 2006). Assim a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva em Santa Catarina seguem as políticas e diretrizes nacionais e vem se definindo com a Proposta Curricular SC. Conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina a Educação Inclusiva, que insere a educação especial, junto com a educação escolar, focada nas necessidades de pessoas com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação. Sempre atuando em paralelo com os outros níveis, etapas e modalidades de ensino, sem substituí-los. Com oferta de recursos e serviços de acessibilidade aos estudantes segundo o seu público. Deixa de ser um sistema com abordagem assistencialista.

“Uma sociedade inclusiva tem compromisso com as minorias e não apenas com as pessoas com deficiência. Tem compromisso com elas e com sua diversidade e se auto exige transformações intrínsecas.” (VIVARTA, 2003, p. 20).

O estado de Santa Catarina aprovou em 2006 a sua Política de Educação Especial, elaborada pela Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) em conjunto com a Secretaria de Estado da Educação. Incluindo as pessoas com diagnóstico de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade como público da educação especial e instituindo o segundo professor. Nas séries iniciais do ensino fundamental este segundo professor tem como função correger a classe com o professor titular. Deve ser preferencialmente habilitado em Educação

Especial. Deve acompanhar o processo educacional de todos os educandos, não apenas dos alunos com necessidades especiais. Nas séries finais do ensino fundamental a função do segundo professor é apoiar, considerando que este tenha formação específica na área. Os professores serão orientados pelos profissionais do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE) ou Serviço de Atendimento Especializado (SAESP). (SANTA CATARINA, 2009).

Com a instituição da Política as Salas de Recursos e os Serviços de apoio pedagógico foram renomeados como Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE). O segundo professor deve fazer uso dos recursos de Tecnologia Assistiva conforme as peculiaridades dos alunos com necessidades especiais no ensino regular. Porém o SAEDE disponibiliza e intensifica o uso de recursos de Tecnologia Assistiva focando sempre no desenvolvimento da autonomia, habilidades ou dificuldades apresentadas pelo indivíduo. No que diz respeito às políticas, a organização dos serviços da Educação Especial na rede regular de ensino está consolidada. Como nos diz Bersch 2006, p.89, usar a Tecnologia Assistiva é:

[...] buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja o que precisa. É encontrar uma estratégia que ele possa “fazer” de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e artes, com a utilização de materiais escolares e pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto. É promover meios para que o aluno possa desafiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de expectador e atribuir-lhe a função de ator.

Assim a Tecnologia Assistiva são recursos que vem contribuir para superar as dificuldades, propiciando a inserção e a participação ativa do indivíduo com necessidades especiais bem como importante instrumento pedagógico no desenvolvimento integral e na apropriação de conteúdos curriculares. Sendo necessário prover de recursos e intervenções no exato momento da necessidade de comunicação, acessibilidade entre outras.

O conceito Tecnologia Assistiva é um termo relativamente novo. Conforme o Comitê de Ajudas Técnicas – CAT, no Brasil, instituído pela Portaria nº 142, de 16 de novembro de 2006, propõem o seguinte conceito para Tecnologia Assistiva:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua

autonomia, independência, qualidade de vida, inclusão social. (CAT, no Brasil, Portaria nº 142, 2006).

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) bem como os recursos e serviços de Tecnologia Assistiva (TA) são relevantes para atingir objetivos, como conquistar e ampliar a comunicação, a mobilidade e dar apoio às habilidades para o trabalho.

As TDIC e TA trazem contribuições favoráveis a essa gama de possibilidades e desenvolvimento da aprendizagem, pois trazem informações em linguagem variadas. Não existe uma única forma de aprendizado. Existem várias teorias a respeito de como as pessoas aprendem. Durante muito tempo a escola era o único local de divulgação, construção e socialização de conhecimento e informações. Diferentemente dos dias atuais em que o aluno traz várias formas de aprender, conhecimentos e saberes. A aprendizagem na cultura digital, conta com o professor para atuar como mediador na conquista de capacidades que o aluno precisa desenvolver frente a um número imenso de informações. Mais ainda quando este aluno necessita de atendimento especializado para que ele possa participar com eficiência das atividades propostas para toda a sua turma. A mediação do professor e o uso dos recursos de Tecnologia Assistiva são fundamentais. (E-PROINFO, Núcleo de Base 1, 2014).

Na Unidade Escolar o que regulamenta dando base e sustentação às ações educacionais é o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento Interno o qual contempla o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). O PPP define a identidade da escola e indica caminhos para ensinar com qualidade. Toda escola tem objetivos que deseja alcançar, metas a cumprir e sonhos a realizar. O conjunto dessas aspirações, bem como os meios para concretizá-las, é o que dá forma e vida ao PPP. Atento ao próprio nome pode-se entender: É Projeto porque reúne propostas de ação concreta a executar durante determinado período de tempo. É Político por considerar a escola como um espaço de formação de cidadãos conscientes, responsáveis e críticos, que atuarão individual e coletivamente na sociedade, modificando os rumos que ela vai seguir. É Pedagógico porque define e organiza as atividades e os projetos educativos necessários ao processo de ensino e aprendizagem. Se o PPP traduz os interesses e anseios coletivos, isso implica em buscar o objetivo comum que é o desenvolvimento integral do aluno e do sucesso da escola. Se o pedagógico define e organiza as atividades, logo se entende que ações diretas quanto ao acesso e uso das TDIC devem se fazer presentes neste documento. (GESTÃO ESCOLAR. PPP).

O PPP da EEB Sara Castelhana Kleinkauf, contempla a educação especial, intensificando o processo de inclusão. A Educação Especial, como modalidade transversal a

todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, é parte integrante da Educação Regular. O Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE) é uma atividade de caráter pedagógico e inclusivo, prestado por um profissional da educação especial, voltada ao atendimento das especificidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados na rede regular de ensino.

O SAEDE Misto define-se por atender mais de uma deficiência. O serviço direcionado aos alunos com deficiência visual, caracterizado por um conjunto de procedimentos voltados à estimulação de sentidos remanescentes mediante a utilização de recursos e instrumentos específicos e mediadores do processo de apropriação e produção de conhecimentos. O atendimento aos alunos com deficiência cognitiva e/ou transtornos globais de desenvolvimento, altas habilidades tem por objetivo qualificar a estrutura do pensamento do educando para o desenvolvimento dos processos mentais superiores, através de metodologia, estratégias e recursos pedagógicos que possibilitem a apropriação do conhecimento científico.

Define também as competências do professor do SAEDE e do segundo professor. Sendo competências do Professor do SAEDE de promover, sistematicamente, junto a equipe técnica, pedagógica e administrativa da Unidade Escolar (UE) repasses referentes ao atendimento. Orientar o professor de sala de aula e a turma na qual o aluno está matriculado. Propor intervenções pedagógicas, em sala de aula, que possibilitem a efetiva participação dos educandos no ensino regular. Elaborar e executar planejamento de atividades, conforme as especificidades dos alunos. Solicitar a colaboração do Integrador de Educação Especial e Diversidades, quando necessário, para a elaboração do planejamento de atividades pedagógicas, relatórios, cronograma de orientação para o ensino regular, avaliações e o que mais se fizer necessário. Registrar as assessorias para a rede regular, utilizando a ficha de presença, solicitando sempre a assinatura do diretor e professor da escola orientada, bem como todas as orientações repassadas à escola e a família. Informar a equipe técnica administrativa da escola as características do serviço e as peculiaridades dos educandos atendidos pelo SAEDE. Além de participar de reuniões de classes na UE onde o aluno está matriculado. Promover palestras, encontros com professores, funcionários, alunos e pais. Participar na elaboração do PPP. Orientar o professor ou professores da classe regular quanto às adequações curriculares no contexto da metodologia, avaliação e temporalidade. Participar das reuniões com o Integrador de Educação Especial e Diversidades para estudo e orientação técnica referente ao trabalho realizado no SAEDE. Zelar pela conservação do espaço físico, dos equipamentos e materiais pedagógicos. Solicitar por escrito, ao Integrador de Educação

Especial e Diversidades assessorias técnicas em educação especial, material específico para atividades pedagógicas, reavaliações diagnósticas periódicas e outras orientações.

Da mesma forma são competências do segundo professor planejar e executar as atividades pedagógicas, em conjunto com o professor titular, quando estiver atuando nas séries iniciais do ensino fundamental. Propor adaptações curriculares nas atividades pedagógicas. Participar do conselho de classe. Tomar conhecimento antecipado do planejamento do professor regente, quando o educando estiver matriculado nas séries finais do ensino fundamental. Participar com o professor titular das orientações prestadas pelo SAEDE. Participar de estudos e pesquisas na sua área de atuação mediante projetos previamente aprovados pela Secretaria de Educação (SED) e Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). Sugerir ajudas técnicas que facilitem o processo de aprendizagem do aluno da educação especial. Cumprir a carga horária de trabalho na escola, mesmo na eventual ausência do aluno. Acompanhar seus alunos nas aulas de Educação Física, Informática, no recreio e nas atividades da turma e participar de capacitações na área de educação. (PPP EEB Sara Castelhana Kleinkauf, 2016).

2.1 Evolução Histórica das TDIC

A humanidade vem sofrendo processos evolutivos de modo constante. Os dogmas, crenças, superstições que reforçaram por séculos as perseguições contra os cientistas atualmente não tem mais a força do passado. O surgimento do científico, em se tratando da história da humanidade, é algo por se dizer recente. Por consequência se relacionar o científico as descobertas e desenvolvimento das tecnologias, essas sim são ainda mais recentes. Se as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) geram desconfortos, mexem com o professor analógico, imaginem a Tecnologia Assistiva (TA). Enquanto o quadro e o giz são práticas muito antigas e ainda utilizadas.

As pinturas rupestres e os hieróglifos expressam a necessidade de registro de informação dos primeiros grupos humanos e podem ser consideradas tecnologias de suas épocas. As disseminações dessa tecnologia limitada e aliada com a falta de conhecimentos mais avançados, de instrumentos mais precisos, de teorias desafiadoras fizeram do quadro e giz uma prática eternizada se comparadas com a evolução e a velocidade em que as informações e o conhecimento se processam e se disseminam pelo mundo. Com a era digital e com as tecnologias atuais são tão rápidas que é impossível ser atuais. As outras formas de

tecnologias e as vindouras, não chegam nem a se fixar e já são consideradas ultrapassadas e para determinadas situações até obsoletas. (E-PROINFO, Módulos, 2014).

O computador talvez seja o instrumento mais popularizado pelo educador e pode ser também o mais completo em várias práticas pedagógicas. Por isso ele ainda tem e desempenha papel central na prática educativa. No entanto os computadores de mesa apresentam alguns inconvenientes e vem perdendo o espaço para os notebooks, justamente por serem menores, práticos e desempenharem as mesmas funções. Sendo os dois instrumentos tecnológicos mais utilizados dentro das TDIC, porém os notebooks têm suas preferências quando se trata de acessibilidade como uma ferramenta de TA.

O professor necessita conhecer para estar apto a utilizar, tanto as TDIC como os recursos de Tecnologia Assistiva (TA). Mesmo com certas dificuldades a utilização das tecnologias no contexto escolar se tornará corriqueira e imprescindível devendo ser assimilada normalmente.

Para Glat e Nogueira (2002, p.25), se a pretensão é “garantir educação para todos, independentemente de suas especificidades”, deve-se asseverar “a oferta de uma formação que possibilite aos professores analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos.”

Quanto à inserção da TA ao currículo a de se ressaltar que a maioria das escolas ainda não incluiu em seus PPP, até por não ser uma obrigatoriedade. Como consequência do curso de Especialização em Educação na Cultura Digital é que a EEB Sara Castalhão Kleinkauf tem incluído as TDIC e TA em seu PPP apenas no ano de 2016. Ainda faltam estruturas, tecnologias, equipamentos e principalmente formação continuada objetiva com qualidade. Lidar com tecnologia, não necessariamente significa utilizá-las de forma correta e eficiente no processo de ensino aprendizagem. É preciso construir na educação novas concepções pedagógicas baseadas no uso de recursos tecnológicos que resultem em práticas no currículo escolar.

A metodologia de investigação estimula a busca de conteúdos e abre portas para que os alunos desenvolvam autonomia e encontrem a melhor forma de expressar e dar sentido ao trabalho e aquilo que aprendeu.

Segundo Almeida (2005), o aluno é autor de sua aprendizagem. Cabendo ao professor promover o desenvolvimento das atividades, a participação, a comunicação, o confronto de ideias, que gera articulação entre informações e conhecimento, visando construir novos conhecimentos que leva a compreender o mundo e à atuação crítica no contexto. Nessa

prática pedagógica o aluno é sujeito que constrói seu conhecimento num processo pessoal e em conjunto com a interação social.

O uso da Tecnologia Assistiva (TA) como recurso vem evoluindo e sofrendo adaptações conforme épocas:

Os recursos de Tecnologia Assistiva estão muito próximos do nosso dia a dia. Ora eles nos causam impacto devido à tecnologia que apresentam, ora passam quase despercebidos. Para exemplificar, podemos chamar de Tecnologia Assistiva uma bengala, utilizada por nossos avós para proporcionar conforto e segurança no momento de caminhar, bem como um aparelho de amplificação utilizada por uma pessoa com surdez moderada ou mesmo um veículo adaptado para uma pessoa com deficiência. (MANZINI, 2005, p. 82).

O desafio inicia com a disponibilidade das tecnologias na escola. As tecnologias ainda estão restritas por diversos motivos como; estrutura física, dificuldade de manutenção, tempos curtos e espaços rígidos, conexão lenta que acabam desestimulando seu uso. As TDIC podem estar fisicamente presentes no espaço escolar, mas ausentes da prática pedagógica com o currículo.

A escola deve se desafiar a trabalhar as TDIC de forma a mediar e encaminhar o educando para a pesquisa, aos conteúdos e a aprendizagem. Fora da escola o uso das tecnologias é uma realidade e funciona, pois é de interesse do educando e exigência da própria sociedade. Assim a escola deve se integrar sempre com o compromisso e o domínio de promover a aprendizagem, a autonomia e a criticidade. Necessita mediar e articular os saberes e garantir a apropriação do conhecimento que a vida social exige. (E-PROINFO, Núcleo de Base 2).

Conforme Mantoan e Prieto, (2006, p. 57):

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

A escola deve primar por uma construção coletiva. O aluno nativo das tecnologias recebe excesso de informações, caberá ao professor como mediador a filtragem, seleção, análise crítica, problematização reflexiva, transformando as informações em conhecimentos. Professor e aluno devem construir formas de conviver e aprender em rede.

É importante construir estratégias para o ensino e aprendizagem em rede. Como criação de Curso de Especialização na Cultura Digital. Os conteúdos online, a participação de fóruns, a sistematização do conhecimento, registros, pesquisas, reflexão, construção da

aprendizagem, relatos de experiências e contribuições, tudo isso acontecendo em rede. E a escola necessita melhorias na estruturação da parte física, conexão, implantação de programas, softwares, hardware, a fim de promover o ensino e aprendizagem em rede.

Assim entende-se que a prática pedagógica esteja numa perspectiva de pesquisas, inquietações, curiosidades, indagações e questionamentos. “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (PAULO FREIRE). O ser humano desde o princípio é um ser pesquisador. Vai explorando seu meio, descobrindo, alimentando sua curiosidade, questiona, pergunta e quer conhecer o seu mundo. A pesquisa deve partir de uma realidade, daquilo que desperta a curiosidade. Deve necessariamente haver uma relação entre ensinar e pesquisar, uma interação entre professor mediador e aluno protagonista.

Para Valente (2002), as TDIC permitem acompanhar o processo de construção do conhecimento e o desenvolvimento da espiral da aprendizagem do aluno, bem como identificar o currículo efetivamente construído.

Na relação entre tecnologia, currículo, professor, aluno e escola, o professor é o mediador e também o principal responsável para aliar as tecnologias ao currículo. Ele deve criar experiências educativas significativas e relevantes, deve dar suporte para os alunos, respeitando seu processo de aprendizagem, desafiando-os ao novo e reconhecendo-se como sujeitos de sua própria aprendizagem e a de seus alunos, tornando-os sujeitos preparados para as mudanças da vida e de sua profissão.

A concepção libertadora e problematizada de currículo proposta por Paulo Freire (2001) leva a compreender que, no processo de integração das tecnologias ao currículo, é essencial buscar a formação do ser humano dialógico, questionador, reflexivo, crítico, transformador de si mesmo e do mundo. (E-PROINFO, 2014).

O caminho ainda é longo e há muito que aprender, pois as tecnologias estão presentes em toda a sociedade, o que faz repensar num currículo para a vida.

O Uso das Tecnologias Digitais de Informações e Comunicação, com acesso a internet, e as diversas ferramentas e sites vem se expandindo exponencialmente na sociedade e mesmo na escola, contribuindo com rapidez na comunicação, pesquisa, trabalhos, socialização e divulgação instantâneas.

Conforme Almeida, “Tais tecnologias, interferem nos modos de conhecer e representar o pensamento e combinação entre palavras, imagens, sons e significados.”

As tecnologias entram na escola pelas mentes das pessoas que estão imersas na cultura digital. No entanto, embora a maioria da população brasileira esteja imersa nessa cultura, isso

não é suficiente para que, na escola, as TDIC e TA se integrem facilmente ao desenvolvimento do currículo.

Segundo Valente (2011), o professor precisa sair de sua zona de conforto e buscar formação, isso demonstra não ser um processo pacífico, mas sim exige uma ruptura com a práxis vigente.

Como lembra Sasaki (2004, p.24):

A crescente consciência social e os dispositivos legais referentes à inclusão das pessoas com deficiência em nossa sociedade não têm sido acompanhados de soluções criativas e eficazes que deem conta dos grandes problemas e obstáculos para a efetivação dessa inclusão, na imensa maioria dos casos. Ainda é percebida uma ampla carência de iniciativas e soluções que façam a ponte entre essa sociedade ainda excludente, mesmo com toda a nova consciência e suas leis, e as pessoas com deficiência, mesmo com sua maior visibilidade atual. Todas essas dificuldades, os preconceitos vivenciados e as exclusões sofridas, tornam urgente a construção de novas possibilidades e caminhos para a redução das desigualdades sociais. Os progressos da ciência os novos estudos e descobertas, por outro lado, oferecem pistas e luzes para a busca de soluções.

O grande desafio está na aplicabilidade das leis vigentes, principalmente no que diz respeito aos direitos dos indivíduos com necessidades especiais. Inserindo-os no ambiente escolar e social com acesso as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e da Tecnologia Assistiva exigindo da escola alto grau de adaptação e rapidez em seus processos, pois a comunidade escolar já vive e convive com distintos dispositivos.

3 CONTEXTO ESCOLAR E ENTRAVES NO DIRECIONAMENTO CURRICULAR PARA A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A escola faz parte desse contexto com suas dificuldades e anseios. Cabe a ela integrar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), Tecnologia Assistiva (TA) e a inserção dos indivíduos com ou sem necessidades especiais a escola e sociedade.

Reconhecer os entraves é o primeiro passo para encontrar alternativas e possíveis soluções. Analisar o antagonismo existente entre as diretrizes educacionais, o modelo de educação de resultados e o professor que faz a educação acontecer.

É importante citar algumas características da escola, entendendo que existem diferentes realidades e contextos e que possam divergir no uso e acesso das tecnologias em geral, Tecnologia Assistiva como forma de inserção do indivíduo com necessidade especial, Sala Multifuncional e Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE).

Assim a EEB. Sara Castelhana Kleinkauf, que está localizada na Rua Olavo Bilac – Nº 392, no Centro de Guaraciaba – SC. Foi inaugurada em 1962, atualmente possui um gestor, dois assessores de direção, três Assistentes de educação, duas Assistentes técnicas pedagógica, quarenta professores, cinco serventes e aproximadamente seiscentos alunos, abrangendo o Ensino Fundamental e Médio. A escola também possui atendimento aos alunos com Necessidades Especiais – Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE) com carga horária de quarenta horas semanais, no momento atendendo treze educandos.

Conforme Revista Educação que traz a matéria “Inclusão pra Valer”:

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), instituído por decreto em 2008, foi uma das medidas criadas pelo Ministério da Educação para eliminar as barreiras que impedem a plena escolarização dos alunos alvo da educação especial. Sua finalidade é complementar e/ou suplementar a formação dos estudantes, portanto, não devem substituir a escolarização, mas sim articular-se com a proposta pedagógica do ensino comum. Outra orientação é que as atividades sejam conduzidas por professores especialistas em educação inclusiva e que estes promovam o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, orientem os alunos sobre como usar os recursos de acessibilidade à leitura e à escrita (Lupas, lentes, cadernos de pauta ampliada, etc.). Incentivem o desenvolvimento da autonomia, desenvolvam programas de enriquecimento curricular, entre outras ações. (KUZUYABU, 2016, p. 34).

O SAEDE é um serviço suplementar, não é reforço, e não substitui a escola comum, tem um currículo específico para a complementação das necessidades do aluno. Como favorecer a participação, contribuir para acessar conhecimento, para ter independência e

autonomia. Faltam elos que liguem as legislações, as diretrizes e orientações à efetiva concretização dessas ações. Enquanto são assinalados avanços em diversos aspectos legais e no atendimento cria-se um problema cada vez maior que é o de suporte. A carência de profissionais especializados para diversas áreas do conhecimento vem se agravando. Faltam professores habilitados em diversas áreas do ensino regular, pior é quando exigido professores como especialistas em educação inclusiva. A diminuição da oferta de professores tem seus motivos bem pontuais, os quais, sem que se resolvam os mesmos não será possível à execução e a aplicabilidade da totalidade das leis. (E-PROINFO, Núcleo Tecnologias Assistivas, 2014).

Tem-se ainda a destacar, pela sua relevância, dentro do Ensino Médio, o Ensino Médio Inovador (EMI). O mesmo conta com a inclusão de alunos com necessidade especial como baixa visão, deficiência mental, deficiência motora. Estes alunos estão sendo atendido pelo segundo professor no ensino regular, pelo SAEDE e com encaminhamento envolvendo profissionais de diversas áreas. Os alunos do EMI permanecem semanalmente na Unidade Escolar de forma integral em três dias e em dois dias apenas no período matutino. Eles têm um aumento considerável na carga horária de estudos nas disciplinas do Currículo. Porém o grande diferencial está na parte pedagógica, no trabalho interdisciplinar desenvolvido pelos professores. Toda a semana um período é destinado para reunião e planejamento. No primeiro momento é feito um “feedback” das atividades da semana que antecedeu apresentando pontos positivos e negativos, bem como sugestões caso seja necessário alguma modificação nas ações. Seguem o planejamento para a semana seguinte, ações interdisciplinares, elaboração de materiais, distribuição de tarefas. Assim, por ter um espaço único e exclusivo de planejamento o EMI é um diferencial da Unidade Escolar.

Os gestores possuem salas próprias equipadas com o material tecnológico necessário para o desenvolvimento de suas ações, assim como as assistentes de educação e as assistentes técnicas pedagógicas, possuem suas salas próprias e informatizadas e com acesso aos programas e plataformas inerentes a suas funções e competências.

A escola sempre preocupada em oferecer um ensino de qualidade para seus alunos, procura aos poucos equipar-se com recursos tecnológicos. Investe e acredita que são recursos importantíssimos para a execução de aulas mais práticas, dinâmicas e facilidade na apropriação, construção e fixação do conhecimento, bem como dar possibilidade de uso da tecnologia digital que potencializam a promoção da participação do aluno com necessidades especiais.

No momento a escola possui farto acervo de livros didáticos e obras literárias, dispõe de vários materiais tecnológicos a disposição dos gestores, professores, alunos, funcionários e demais familiares. Contendo mais de quarenta computadores, onze notebooks, diversos aparelhos de som, televisores em todas as salas com DVD player, um bom acervo digital na forma de conteúdo programático, filmes, documentários. Ainda, câmara digital e filmadora, copiadora e impressoras de vários modelos, tipos e funções. Onze datas show para apresentação de vídeos e filmes dispendo de acústicos apropriados. Uma sala informatizada; com aulas de informática e a disposição de todos os professores e alunos para fins de pesquisas, realização e apresentação de trabalhos. A presença da internet, embora ainda lenta, mas com sinal de Wi-Fi disponível em pontos estratégicos.

Os professores possuem também acesso à internet em suas casas, bem como algum recurso tecnológico, possibilitando um planejamento diversificado, não somente usando livro didático, mas com recursos tecnológicos que amplie o conhecimento de forma mais dinâmica. Os professores fazem uso da sala informatizada para o planejamento e execução de suas aulas, contando com ajuda do profissional que trabalha na respectiva sala. Embora a escola possua um planejamento esquematizado programático da sala informatizada, este por vezes, é fator limitador das ações necessárias desenvolvidas pelo professor. Também utilizam projetor nas salas de aula com frequência para complementação dos conteúdos, apresentação de trabalhos, slides, documentários, vídeos e filmes.

Com a implantação do programa professor online estendeu-se consideravelmente o uso, acesso e disponibilização de informações. Alunos e familiares também se beneficiam do professor online, podendo acompanhar calendário escolar, programação, agendamento de provas e trabalhos, presença do aluno, notas e recuperações paralelas.

Quanto aos alunos, em sua grande maioria, possuem internet também em suas casas. Eles veem o uso das TDIC nas aulas como algo bom, auxiliando-os no desenvolvimento do conhecimento. Na Escola destaca-se como um momento forte o uso da sala informatizada com aulas de informática, tendo também momentos de pesquisas em cada disciplina. Nos períodos intermediários o acesso é livre e que o recurso tecnológico mais utilizado é o celular com internet, mais para lazer e comunicação do que para a pesquisa. Constam na grade curricular do EMI aulas de Informática, as quais são realizadas no laboratório com professor específico para ministrar. Seguem a ementa descrita nas diretrizes de implantação do curso.

É perceptível a importância e necessidade das TDIC e TA de serem introduzidas nos currículos escolares. Elas aceleram o processo de conhecimento não se limitando apenas as

salas de aula propriamente dita, mas sim permite a interligação com o mundo de forma instantânea e em tempo real.

Elas podem contribuir para o desenvolvimento crítico do currículo, transformar as relações de ensino aprendizagem e acelerar a inclusão dos indivíduos com necessidades especiais. Ela é a base do desenvolvimento tecnológico, tornando-se indispensável na produção de conhecimento, bem como na socialização e globalização. Da mesma forma em que as tecnologias não são neutras, pois provocam mudanças e transformações na sociedade e na cultura das pessoas em geral. (E-PROINFO, 2014).

As TDIC propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da mediação das TDIC, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico. (ALMEIDA, 2010).

Reafirmando de que as TDIC já estão contempladas e enraizadas nos diversos programas existentes os quais respaldam e comprovam a presença e uso das mesmas. Os alunos do Ensino Regular, com necessidades educativas especiais, frequentam o SAEDE no contra turno. A sala do SAEDE não substitui a escolarização, mas deve contribuir na inclusão, apropriação de conceitos e ampliação de conhecimentos. Deve proporcionar independência aos educandos para realizar tarefas de vida diária e favorecer a autonomia. Referente a apropriação dos conteúdos programáticos, são atendidos e acompanhados também pelo segundo professor no período normal do ensino regular em sala de aula.

A escola também dispõe de uma sala de recurso multifuncional, que trabalha com alguns recursos de Tecnologia Assistiva (TA). Na sala multifuncional caracteriza-se como um ambiente que dispõem equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para oferecer o Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE). Este serviço compreende um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados e integrados a proposta da escola de acordo com as necessidades individuais dos educandos.

Conforme site Assistiva Tecnologia e Educação, o termo Tecnologia Assistiva, é utilizado para identificar todos os recursos e serviços que venham contribuir, proporcionar e ampliar habilidades melhorando as capacidades funcionais de indivíduos com necessidades especiais e consequentemente promover vida independente e inclusão. O SAEDE apropria-se dos recursos de Tecnologia Assistiva (TA), contando desde uma simples bengala, lápis

adaptado até um complexo sistema computadorizado, software e hardware especiais. O amplo acervo existente neste espaço é utilizado especificamente para auxílio individual e diferenciado para cada necessidade especial.

De maneira geral, sabe-se da necessidade em aprender a utilizar melhor essas novas formas tecnológicas que chegam até nós, bem como buscar estratégias diferentes, para atrair, motivar e despertar o desejo de aprender dessas gerações de alunos nativos da cultura digital. Objetiva-se a favorecer a participação dos alunos com déficit visual, motor e cognitivo através da utilização de recursos especiais, diferenciados e adaptados com metodologias capazes de atender as necessidades individuais. O desafio está em entender que as tecnologias devam se somar, garantir, melhorar o uso das informações. Todo o cuidado é pouco, pois o excesso de informação pode não se transformar em conhecimento. Se o aluno com todas as informações disponíveis não consegue por si só transformar em conhecimento, o professor deve entrar como mediador do processo ensino aprendizagem direcionando e filtrando os conteúdos para o momento.

Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento Interno da escola o qual contempla o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e o Serviço Educacional Especializado. Embora o PPP não seja um Projeto pronto e acabado, pois o mesmo é lido, avaliado e efetuado as mudanças que se fazem necessárias. Assim foi imprescindível que na reelaboração houvesse a inclusão das TDIC como forma de regulamentação, afirmação e registro.

Através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi possível montar dois laboratórios, fornecer tablet para professores do ensino médio e para a secretaria. Com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tornou-se possível a compra de notebooks para uso dos professores em diversas situações; salas de aula como componente dos multimídias, nas pesquisas e planejamento, no professor online e mesmo no laboratório de informática. Várias comprovações do uso das tecnologias podem ser constatadas no blogger da escola. A escola é responsável para manter e atualizar a página principal, porém os professores individualmente possuem um link nesta mesma página para divulgar, registrar conteúdos, atividades e ações desenvolvidas dentro de suas respectivas áreas.

O Lego, constitui outra atividade com uso de tecnologia importante e atrativa para os educandos. Além das montagens utiliza-se também a parte de programação. O Lego ainda está muito restrito ao uso nas disciplinas de Ciências, Física e com alunos do SAEDE. Através de atividades com o Lego o educando se sente sujeito da descoberta e da conquista. É uma ferramenta pedagógica com o objetivo de intensificar o acesso ao conhecimento

tecnológico, oferecendo um aprendizado mais envolvente e criativo. Ele desenvolve um ambiente de aprendizagem no qual os alunos aplicam o método científico e adquirem habilidades de estruturar pesquisas e resolver problemas concretos em um cenário real.

Com o Lego os alunos aprendem pouco a pouco sobre o mundo tecnológico e aperfeiçoar seus sentidos, habilidades, intelecto, linguagem, competências, interesse espontâneo, criatividade, curiosidade, inventividade, imaginação, autoestima, determinação, auto realização, sensibilidade, pensamento crítico, observação, raciocínio, percepção, atenção, concentração, coordenação motora, lateralidade, organização, sequência, habilidade, agilidade, trabalho em equipe, paciência, capacidade de administrar conflitos e valorizar o próximo. Aprendem a aprender (ouvir, pesquisar, estudar, resumir, etc.), responsabilizando-se pela sua própria aprendizagem, construindo seu próprio conhecimento e participando da inclusão digital. (LEGO ZOOM, 2003).

Dentro da Escola o papel fundamental e final está centrado nas mãos do professor. Este composto por diversas gerações, fruto do próprio sistema, às vezes cobrado pela hierarquia, aluno, comunidade, vítima de formação ou qualificação duvidosa, e a mercê de seus próprios interesses.

Os alunos como produto final de toda a estrutura e organização educacional contribuem com suas mazelas não cumprindo com o seu papel de estudante. O choque de gerações professor x aluno deve ser estudado e compreendido. O foco no estudo e na importância ou relevância dos mesmos, os desvios das finalidades e aí principalmente as que se referem ao uso das TDIC. Somam-se as dificuldades na aprendizagem, as necessidades especiais, a inserção e inclusão na escola, no trabalho e na sociedade.

Devem-se buscar caminhos para melhorar o aproveitamento das tecnologias digitais na escola. Readequação, planejamento, adaptação e rapidez em seus processos, pois a comunidade escolar, que vive e convive com distintos dispositivos com as características das TDIC, apresenta mais familiaridade em relação a tais recursos. As tecnologias entram na escola pela interação das pessoas que estão imersas na cultura digital. Boa parte da população brasileira tem acesso as TDIC, porém isso não garante que na escola, as tecnologias se integrem facilmente ao desenvolvimento do currículo. (E-PROINFO, Núcleo de Base 2, 2014).

Desafiar-se é necessário para superar. Além de possuir os recursos tecnológicos para o acesso e desenvolvimento do ensino aprendizagem são necessárias melhorias significativas nas conexões da internet. A velocidade disponível é baixa, tornando o acesso limitado, por vezes desmotivando os professores e alunos a desenvolver o que foi planejado. O caminho é

ter acesso, conexão ilimitada a informatização em todas as salas de aula conectada ao devido projetor de forma integral. O desafio é estar preparados de maneira que nem professores nem estudantes sejam apenas usuários de ferramentas tecnológicas, mas sejam capazes de criar, solucionar problemas e usar vários tipos de tecnologias TDIC e TA, porém de forma racional, efetiva e significativa. (LEGO ZOOM, 2003).

3.1 Desafios das TDIC no Contexto Escolar

Embora as TDIC sejam muito usadas pela maioria dos professores, há alguns que apresentam certas dificuldades em aceitar e incluir em sua prática. Outros necessitam de ajuda do professor orientador da sala de informática ou de formação especializada, pois são imigrantes da cultura digital e ainda não se familiarizaram com as tecnologias para fazer uso das mesmas.

Esse entrave é possível de ser contornável com cursos de capacitações para professores que viessem atender as necessidades específicas do dia a dia, tanto das TDIC quanto da TA. Profissionais com habilidades, conhecimento dando o rumo, acompanhamento e suporte para a efetiva inserção das Tecnologias ao currículo. Professores tentando, buscando, aperfeiçoando e se capacitando de todas as formas possíveis para melhorar o uso das TDIC e integrar ao currículo. Lembrar que este discurso faz parte de um contingente de profissionais preocupados com os rumos da educação e conscientes das necessidades de se integrar para poder sempre avançar, haja vista sua importância e poder transformador.

As tecnologias existem em tempo real, a internet e os acessos em alta velocidade. Porém as escolas, as que possuem, permanecem com um sistema de navegação de internet de baixíssima qualidade, limitadíssima e praticamente sem sinal wireless. Alunos, humildes cidadãos de baixa renda, cidadãos que mesmo com dificuldades econômicas, possuem o seu celular. Sem créditos para telefonar ou internet móvel, mas possuem Wi-Fi. Com o sinal wireless conseguem uma comunicação interessantíssima por meio de vários aplicativos como o WhatsApp e o Messenger. Aplicativos de mensagens multiplataforma que permitem trocar mensagens pelo celular sem pagar. O uso poderia ser uma das alternativas em sala de aula.

O Jornal Mundo Jovem em sua reportagem Liguem seus celulares, a aula vai começar, diz: A imposição: “Abram os livros e desliguem os telefones celulares” parece estar com os dias contados. A tecnologia deixa de ser inimiga para ser aliada dos professores nas salas de aula. (PARIS, 2016, p. 2).

Existe aí um paradoxo: o estado de Santa Catarina cria a Lei nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008 que em seu Art. 1º Fica proibido o uso de telefone celular nas salas de aula das escolas públicas e privadas no Estado de Santa Catarina. Essa medida tem gerado atritos. Isso, em tese, significa abrir mão do uso popular dessa tecnologia sabendo que o uso direcionado traz benefícios incontáveis nas formas de pesquisa, registros, filmagens, fotografias, através de diversos aplicativos de software em tempo real. Facilitando a acessibilidade, autonomia e aprendizagem de pessoas com diversas deficiências sendo um dos recursos importante dentro da TA.

A EEB Sara Castelhana Kleinkauf enfrenta desafios oriundos de como a sociedade está organizada. As TDIC estão presentes em nosso meio e na sociedade. Os alunos ao entrarem na sala de aula, depositam seus celulares em uma caixa posta na mesa do professor. Durante a aula para fins de pesquisa, estudos, programas ou uso de aplicativos os professores autorizam o uso dos mesmos. Nos intervalos é livre o uso dessa tecnologia. Percebemos que mesmo nas aulas no laboratório de informática que envolve conteúdos e ou pesquisas, alunos não se sentem motivados ou atraídos se comparado as suas práticas em redes sociais a fim de lazer e entretenimento. Conforme Cortella: “O desafio é fazer com que o jovem entenda que a motivação não é algo que vem de fora. Motivação é uma porta que se abre de dentro para fora”.

Entre os professores identificam-se divergências quanto ao uso das TDIC. Alguns utilizam excessivamente algumas tecnologias como celular inclusive em sala de aula para particularidades deixando os alunos a deriva os quais respondem com indisciplina. Por outro lado ainda existem alguns professores que ignoram o uso de certas tecnologias. Para estes a equipe pedagógica expõem e sugere sites e materiais que possam ser utilizados. O uso de tecnologias em sala de aula certamente pode e até deve gerar polêmicas e discussões. Principalmente no caso já citado que é o uso dos celulares. Nenhuma tecnologia é neutra. Todas elas, qualquer que seja, tem seu poder e cumpre o seu propósito. Assim, além da utilização elas devem gerar discussões de tal forma que fica inteiramente compreendido seu objetivo e seu propósito para aquele exato momento em que se buscarem subsídios e suporte.

A escola sente fortemente os reflexos da cultura digital e está aquém neste processo. Muitas vezes a escola dispõe de equipamentos tecnológicos e salas informatizadas, porém a conexão da internet é lenta, dificultando o acesso para pesquisa e demais atividades e com isso acaba desmotivando alguns professores que se desafiam a fazer uso das TDIC e TA em suas aulas. É indiscutível a revolução que as TDIC provocam no contexto escolar, é perceptível pelos professores, mas como a maioria é da geração anterior, por vezes sentem

insegurança de fazer uso mais frequente das tecnologias disponíveis. Sendo necessárias mudanças profundas nas concepções, nas formas de trabalho de modo que venham favorecer a construção do conhecimento.

Os alunos chegam à escola trazendo várias fontes de informações e inúmeros ambientes para aprender, diferentemente das gerações dos professores e esse contraste de gerações interfere significativamente nas formas de ensinar e aprender. O aluno domina as tecnologias, porém pouco as utiliza pedagogicamente, muitas vezes se deixando levar apenas como uso para seu lazer. Assim cabe a escola fazer a mediação para que essa tecnologia possa contribuir para um ensino de qualidade. (E-PROINFO, Núcleo de Base 1, 2014).

Também, lembrar que uma parcela dos educandos não possuem todas as condições financeiras e de acesso às tecnologias digitais. É extremamente importante a organização, planejamento, capacitação e investimentos em educação, para assim poder inserir esses indivíduos e a escola em um contexto atual para trabalhar os conteúdos de forma mais significativa.

Nem tudo é progresso. O alto grau de interatividade fora do contexto pode estar prejudicando o trabalho quando não utilizado adequadamente, alertas, sonorização, vibração podem estar desviando a atenção. Porém o aplicativo pode ser um grande aliado da comunicação quando o objetivo for o coletivo escolar, já que a conexão ocorre de forma instantânea e que não há limite para o número de mensagens enviadas ou recebidas. Assim é possível uma interação de todo o grupo escolar em tempo real de maneira que todos possam estar informados dos acontecimentos, ações e programações bem como manifestando e contribuindo com sua opinião.

Esta proposta de formação de um grupo específico escolar além de manter as informações e a interação pode se constituir uma importante ferramenta pedagógica, porque é capaz de registrar e armazenar, textos, conteúdos, experiências, documentos e links. Com o direcionamento dentro dos objetivos, a proposta pode ser um importante passo na introdução e uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e da Tecnologia Assistiva (TA) na escola como uma aliada no crescimento individual e coletivo, também contribuindo na qualidade e ganho de tempo.

É importante coordenar, controlar e direcionar o uso dessas tecnologias. O aluno é nativo da era digital e o professor é imigrante digital, em geral muitos ainda necessitam de preparação e suporte. Embora muitos alunos possuem facilidade em operar e controlar algumas tecnologias digitais, porém não demonstrando o mesmo interesse quando essas são direcionadas para a aprendizagem dos conteúdos curriculares. Sem a orientação correta e

acompanhamento essas tecnologias e aplicativos, nas mãos dos educandos, não passarão, de descontrações como joguinhos de entretenimento ou ainda o uso de um vocabulário de gírias e com escritas ortográficas ainda piores. É necessário entender que, as múltiplas linguagens e formas de comunicação devem ser bem vindas, porém somente após o domínio da escrita e linguagem padrão.

A expectativa de que os órgãos governamentais possam também estar alinhados as ações aqui propostas na perspectiva da inclusão. É possível acreditar que possam traçar metas, para a melhoria da educação. O estado deve alinhar a sua política através de investimentos às reais necessidades das escolas. É urgente a necessidade de investimento em tecnologias adequadas e em capacitação para as mesmas. O professor deve ser o protagonista das ações. Deve estar à frente desse processo para que haja orientação e condução no seu uso de forma adequada. Assim haverá qualidade e melhorias na educação que tanto se fala.

É importante mudanças a partir das gestões das instituições de ensino que deverão apresentar-se mais abertas e sensíveis aos projetos criativos, inovadores e desafiadores, em que estão previstos a utilização de espaços virtuais e presenciais dentro e fora destas instituições de ensino. O professor necessita ousar, romper barreiras, propor metodologias inovadoras utilizando-se da rede informatizada.

De acordo com Paro (2006 p.25), “Não pode haver democracia plena, sem pessoas democráticas para exercê-las”. Assim, todos os que fazem parte do processo educativo, tem o compromisso de buscar mecanismos de mudanças, principalmente no que diz respeito às gestões democráticas, para que se possa avançar significativamente na elaboração de propostas de inclusão condizentes com as necessidades, de integração do uso das TDIC e TA com qualidade, facilitando e inserindo também os indivíduos com necessidades especiais.

Conforme exposto, ações possíveis e imprescindíveis devem ser desenvolvidas para a ampliação do acesso e uso das TDIC e TA no contexto escolar tais como:

- Construção contínua e progressiva do próprio PPP, para assegurar, legitimar e garantir, detalhando o uso das tecnologias e a inserção do indivíduo com necessidades especiais em todos os níveis escolar e social.
- Incentivar o uso das tecnologias e do Lego na forma de projeto e interdisciplinar.
- Cursos de capacitação voltados a inclusão e ao uso das TDIC e TA.
- Sala informática com aumento da velocidade de internet.
- Internet, notebook e projetor instalados em cada sala de aula.
- Em momentos propícios o uso do celular como mais uma ferramenta a se somar.
- Criar um grupo de e-mail.

- Gestões abertas, democráticas, competentes com visão e inovação.

A proposta não é utópica, mas sim viável e aplicável como um todo. Assim, superando muitas dificuldades com o empenho de todos, organização, planejamento e comprometimento caminhando na direção da execução de várias ações aqui elencadas. O foco e direcionamento se alinham as ações propostas e para a ampliação do acesso e uso das TDIC e TA no ambiente escolar. Não é hora de inventar. A educação precisa garantir a aprendizagem efetiva dos alunos. O caminho pode ser mais simples do que inúmeras teorias. Professores e gestores deveriam ter a obrigação de apresentar um plano de ação, proposta de trabalho, objetivos e práticas, pois tiveram uma especialização, graduação e formação para compreender e desenvolver com competência o seu trabalho.

3.2 Características das Gerações

A cultura digital é uma forte característica presente na dinâmica social, organizada em redes globalizadas. Convivendo com as diversas gerações que nos apresentam desafios e exigências difíceis de serem enfrentadas e superadas.

Características das gerações que hoje convivem na escola nos relatam que ao longo da história a sucessão das gerações tem mudado consideravelmente. Desta forma convivemos em um momento favorável ao conflito de gerações. No passado tinha-se uma nova geração a cada vinte e cinco anos. Hoje a cada dez anos e com tendência de baixar cada vez mais.

Com o aumento da expectativa de vida, transformações sociais e tecnológicas vêm influenciando as mudanças comportamentais onde por vezes coexistem até cinco gerações atuando e convivendo no mesmo espaço. Isso se torna complexo, principalmente em ambientes de aprendizagens e trabalho, pois cada geração possui suas características, valores distintos e convivem com os recursos de seu tempo. (E-PROINFO, Tópico II do Núcleo de Gestão – Características das gerações que hoje convivem na escola).

Existem melhores e piores profissionais em todas as gerações. Afirmarções como os mais antigos, os imigrantes da era digital, são os que têm dificuldades em acompanhar as mudanças e por tabela afirmar que por estar no fim de carreira, estão ultrapassados e menos potencializados, destorce outra realidade. Além de discriminatória a afirmação instiga a inversão de valores tão fundamentais deturpando a realidade. Excelentes profissionais estão em fim de carreira. Representam as gerações “baby boomers” e geração ”X”. Para eles, em primeiro lugar está o dever, o trabalho, o compromisso com a escola e com educação de qualidade depois vem o lazer. Esses possuem o domínio dos conteúdos e o compromisso da

execução. Tem domínio da turma, pois mantém e cobram disciplina com certo rigor. Destacam-se também pelo respeito a hierarquias. Podem não ser os mais ágeis nas tecnologias, mas ainda que com seus métodos tradicionais superem em muito os modismos da geração “Y” que por muitas vezes não levam a aprendizagem, ao conhecimento nem tão pouco conseguem manter a ordem e a disciplina. (E-PROINFO, Tópico II do Núcleo de Gestão – Características das gerações que hoje convivem na escola).

Na escola EEB Sara Castelhana Kleinkauf, ocorrem situações difíceis de resolver, como lidar, que ações e atitudes tomarem para tais conflitos. São claramente quatro gerações convivendo e atuando em nosso espaço escolar. São valores, princípios, características e comportamentos antagônicos disputando um mesmo espaço. É importante nestes momentos de angústia procurar o diálogo entre a equipe gestora, professores, pais e alunos. Pensar, planejar para encontrar formas ou alternativas que venham contribuir nas possíveis superações dessas dificuldades.

Para a geração dos "nativos digitais", seu habitat é tecnológico e virtual, buscam satisfação imediata e deixam de dar valor às coisas muito rapidamente, querem tudo pronto, ignoram a hierarquia e muitas vezes enfrentam dificuldades na habilidade para se relacionar com as outras pessoas na vida real. Chamados também de geração silenciosa, com fones de ouvido, mostrando pouco interesse em relação ao que acontece a sua volta. Escutam pouco e falam menos ainda. É questionável quando se tratar de disciplina, limites, saber ouvir um não, ter barreiras, cautela, perceber as consequências de seus atos. (E-PROINFO, Tópico II do Núcleo de Gestão – Características das gerações que hoje convivem na escola).

Nessa geração existem pontos positivos e negativos. Eles têm a noção de instantaneidade, a de velocidade e do senso de urgência, mas tem o ponto negativo que é a ausência de paciência.

Precisamos exercitar a paciência do jovem e motivá-lo a entender que a escolarização é um pedaço da existência dele e educação é a vida inteira, assim também fazer com que ele entenda que a motivação é algo que vem de dentro para fora. Neste sentido podemos estimulá-lo para que ele se motive. (CORTELLA, vídeo – Z Geração do Agora).

É necessário entender e diferenciar que a escola é um espaço de saber e que é um saber diferente daquele que vem da mídia. A escola não pode perder sua especificidade e ser igual à internet, a TV, redes sociais etc. Portanto, na escola se tem vivência, relacionamento social, aprendizado de valores, acesso ao conhecimento letrado. É preciso modernizar sim. Mas a modernização não vem só pela tecnologia. A escola é uma instituição séria, deve manter foco

e a linha do aprender a conhecer, fazer, conviver e ser. (CORTELLA, vídeo – Z Geração do Agora).

E talvez esse seja o conflito. O choque das gerações dos professores que já se fazem presentes no meio escolar, justamente por se permitir que cada um acentue as diferenças. Cada um com suas características, seus objetivos, procedimentos, métodos, práticas e disciplina. Práticas extremas fazem parte da rotina. Coexistem professores com rigor exigindo obediência e disciplina com professores permissivos e extravagantes. Professores pautados no currículo e em conteúdo versos professores alheios a exigência e obrigatoriedade. Professores comprometidos conhecedores de seus deveres e direitos contrastam-se com professores que só vem os direitos. Essa inversão de valores pode estar longe de uma solução. Antagônicos são os interesses de quem faz educação daqueles que gerenciam. Índices crescentes de aprovação na educação devem ser apresentados, muitas vezes sem os devidos conhecimentos adquiridos.

Neste contexto escolar buscar a qualidade torna-se difícil. Fazer o jogo do interesse é como remar a favor da correnteza. Até o presente momento, inexitem atitudes significativas de solução concretas para esses conflitos.

É imprescindível fomentar propostas de estudos sobre as diferentes gerações presentes no contexto escolar. Há de se fazer um aprofundamento identificando e conhecendo as características e qualidades positivas que possam ser potencializadas. Cada geração pode e deve contribuir com a educação que se quer construir, com os objetivos a alcançar em uma só linha de ação conjunta. Assim é preciso potencializar as qualidades e disciplinar, minimizar e corrigir práticas nefastas que não venham a se transformar em educação de qualidade. Neste aspecto a dialética e os conflitos serão necessários e interessantes para que se possam aparar as arestas e caminhar em uma única direção. Superar estes desafios é competência de todos.

4 O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA NO CONTEXTO DA EEB SARA CASTELHANO KLEINKAUF

É a partir dessa conjuntura e realidade escolar física e humana que se desenvolverá o acesso e uso das tecnologias e da Tecnologia Assistiva na perspectiva da inserção dos indivíduos com necessidades especiais no ambiente escolar e na sociedade.

“O que eles chamam de nossos defeitos é o que nós temos de diferente deles. Cultivemo-los, pois, com o maior carinho esses nossos benditos defeitos.” (QUINTANA, 2006, p. 93).

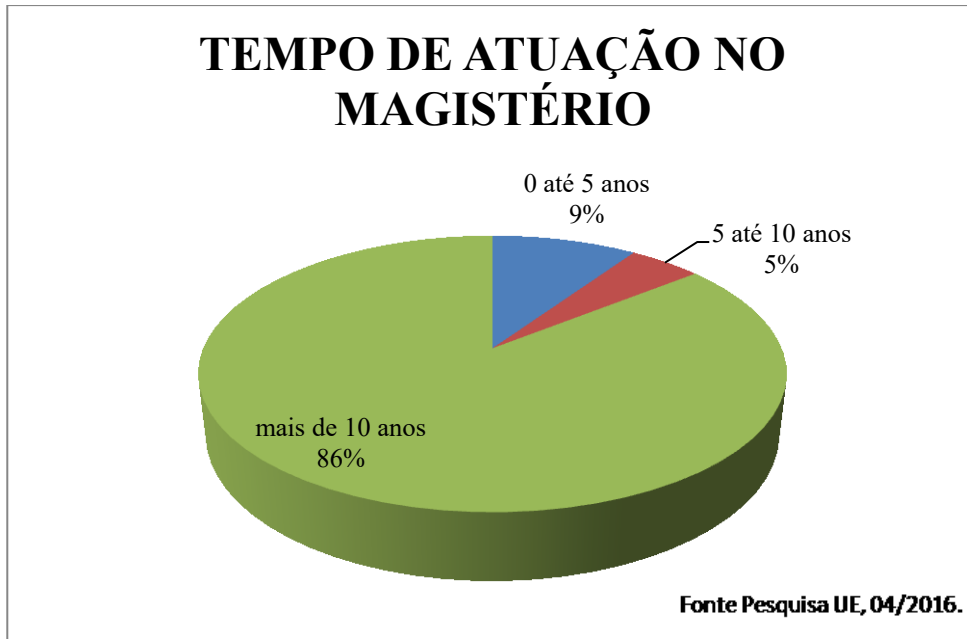
Os novos desafios na era do conhecimento, das tecnologias, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e a Tecnologia Assistiva (TA), a globalização das informações em tempo real nos define uma nova sociedade com novas perspectivas de mudanças de realidade, acessibilidade e das relações entre os seres humanos com necessidades especiais ou não. Assim foi imprescindível que se buscasse junto ao corpo docente resposta que ainda intrigam.

A pesquisa feita por amostragem com parcela de professores, mas com direcionamento essencialmente aqueles que trabalham com alunos com necessidades especiais. Foram distribuídos vinte e sete questionários com treze perguntas; objetivas (fechadas) e descritivas (abertas). O questionário não tinha poder de obrigatoriedade sendo, portanto de livre e espontânea vontade a devolução dos mesmos. Retornando vinte e um questionários que serão frutos da apresentação e análise neste contexto.

Seis questionários não retornaram. Seria interessante uma investigação para expor os motivos. A não participação de parte do grupo dificulta a imparcialidade da pesquisa no que diz respeito às dificuldades e a disponibilidade de somar-se no coletivo para possíveis discussões e solução de problemas. É evidente que existam profissionais e “profissionais”. Enaltecer aos que sempre se propõem a colaborar, discutir, evoluir para uma sociedade mais justa, inclusiva, acessível e participativa é certamente minimizar os descompromissados.

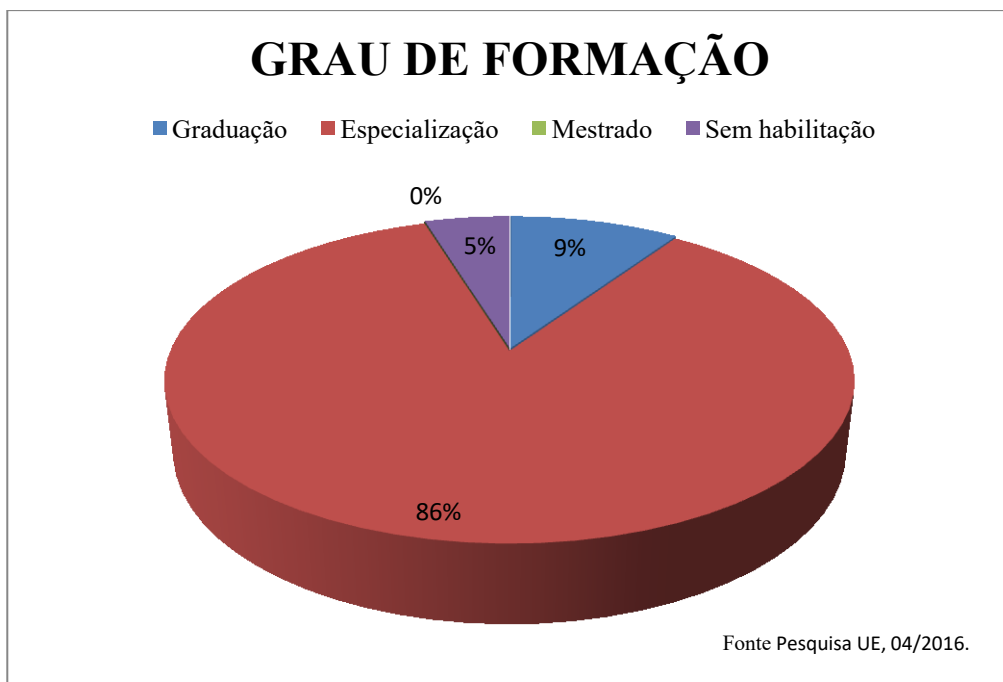
A Escola EEB Sara Castelhana Kleinkauf, possui em seu quadro há muitos anos um excelente corpo docente. Esta afirmação baseada em dados coletados junto aos professores que trabalham na Unidade Escolar. Experiência é um aspecto importante na carreira do magistério. É uma das qualidades ou virtudes que permite afirmar quanto a excelência do corpo docente. Isso de maneira alguma e em nenhum momento minimiza-se profissionais de menor tempo de serviço. São sempre bem vindos e necessários para que mudanças, inovações e crescimento possam se agregar e somar garantindo sequência.

Conforme amostragem:



A ampla maioria dos professores possui mais de dez anos de experiência no magistério. Isso implica que os mesmos estão na profissão como profissionais. Essa constatação qualifica o grupo pela experiência e pelo profissionalismo do corpo docente.

A formação profissional apresenta dados semelhantes ao tempo de serviço no magistério. Imprescindível lembrar que apenas um não possui habilitação, pois o mesmo ministra aulas de cultura, violão.

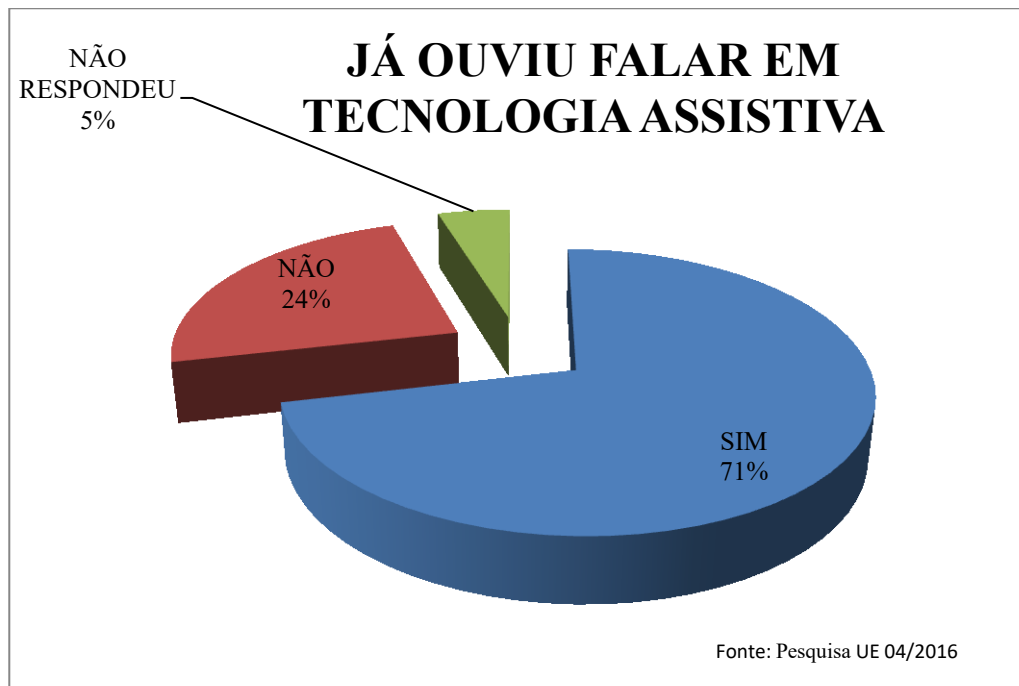


A maioria, dezoito professores que corresponde a 86% possuem especialização na área em que atua e dois professores que corresponde a 9% são graduados.

Até aí são apenas dados que mostram a formação e o tempo de atuação como professores na área do magistério. Dados estes que comprovam e qualifica o grupo docente.

“Tecnologia Assistiva são recursos e serviços que visam facilitar o desenvolvimento de atividades diárias por pessoas com deficiência. Procuram aumentar as capacidades funcionais e assim promover a independência e a autonomia de quem às utiliza”. (MELO, 2007, p.94).

Quando a pergunta é se já ouviu falar em Tecnologia Assistiva? O grupo começa a se dividir. Aparece aqui até uma abstenção que pode não ser o caso de não entender a pergunta ou de não querer responder. Deve ser um lapso no preenchimento, mas que deixou sua marca registrada como tantas vezes criticamos o aluno por deixar de assinalar uma questão na avaliação.



A maioria, 71% afirmaram ter ouvido falar em Tecnologia Assistiva. Neste caso não é a maioria que chama a atenção, mas sim a parcela significativa que trabalha com alunos com necessidades especiais e diga-se “não ouviram falar”. São números expressivos 24%, porque são profissionais que atuam na área enfrentando as dificuldades do dia a dia, tentando encontrar resultados e superá-los, mas se quer pararam para pensar, refletir das diversas possibilidades que os cercam.

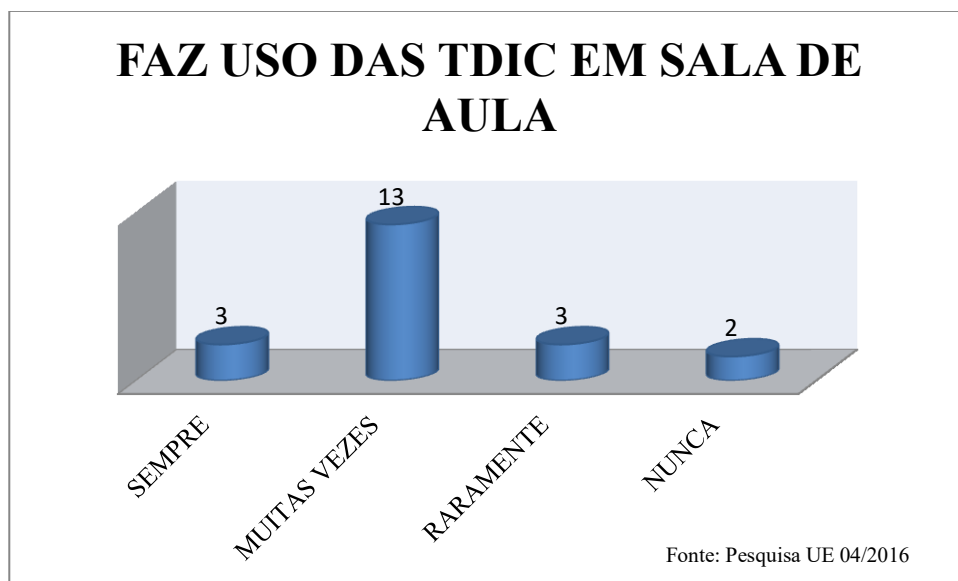
Tudo bem. Pois a palavra Assistiva não existe, nos dicionários da língua portuguesa. É uma palavra que vai surgindo aos poucos no vocabulário técnico ou popular. Assistiva; que significa alguma coisa, que assiste, ajuda, auxilia. (SASSAKI, 1996).

Os recursos e serviços de Tecnologia Assistiva se tornam cada vez mais um caminho para abrir novos horizontes para a aprendizagem, e desenvolvimento para alunos com necessidades educativas especiais. “A aplicação da Tecnologia Assistiva na Educação vai além de simplesmente auxiliar o aluno a ‘fazer’ tarefas pretendidas. Nela, encontramos meios de o aluno ‘ser’ e atuar de forma construtiva no seu processo de desenvolvimento.” (BERSCH e TONOLLI, 2010, p. 92).

A escola disponibiliza de recursos de Tecnologia Assistiva auxiliando diversos alunos com necessidade especial. Aluno com baixa visão é o que mais se apropria e utiliza esses recursos.

Os recursos e serviços de Tecnologia Assistiva chegam até a escola através de ações das Secretarias de Educação Especial do MEC.

O uso das TDIC e de Tecnologia Assistiva, ainda não são o ponto forte de uma parcela de professores. Novamente o que chama a atenção não são os usuários das TDIC, mas sim a somatória de cinco professores que nunca ou raramente fazem uso de tecnologia.



Encaminhamentos como planejamento, engajamento, interesse, vontade, acompanhamento pedagógico, cobrança, atitude, comprometimento e principalmente capacitação através da formação continuada seriam soluções eficazes.

Conforme Salto para o Futuro, (1999, p.5):

“A presença crescente, na rede regular de ensino, de crianças e jovens com necessidades especiais de aprendizagem, exige, antes de tudo, uma mudança de atitude, não só dos professores, mas de toda a comunidade escolar.”

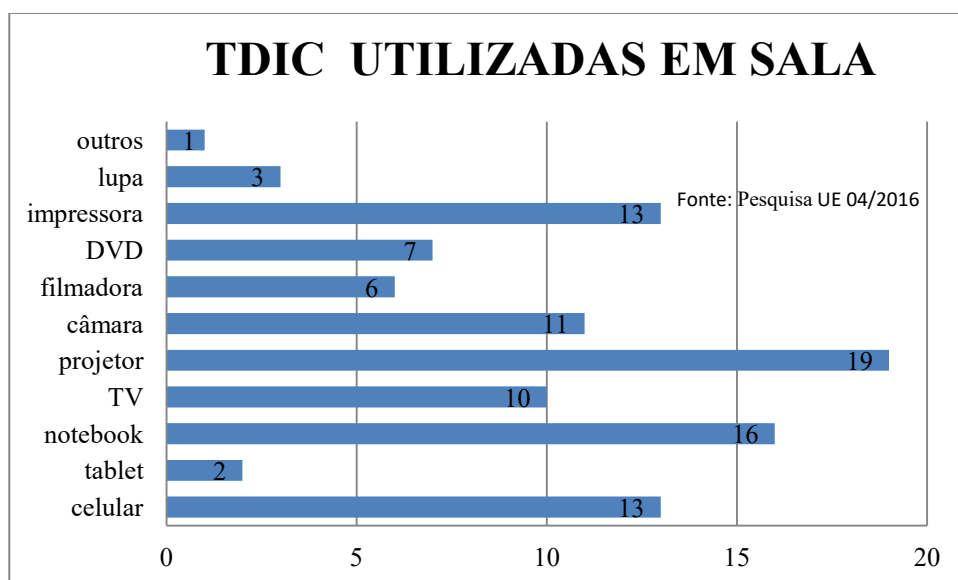
Refletir individualmente e em grupo faz surgir novas alternativas, técnicas pedagógicas e didáticas interessantes. Como dizia Paulo Freire, (1981, p. 79): “Ninguém educa ninguém,

ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” As atividades e discussões de grupo é uma forma de educação, de trocas de ideias, de comunhão, de comunidade, de ajuda e contribuição mútua.

Quando se refere em quais TDIC são mais utilizadas em sala de aula aparecem surpresas. O projetor com a multimídia só não é utilizado por 100% dos professores porque como nos dados anteriores dois afirmaram nunca fazer uso das TDIC. Na sequência estaria o uso do notebook, seguidos da impressora e celular pontuados significativamente. Lembrar que uso dos celulares figuram entre as três tecnologias mais utilizadas em sala de aula.

No viés da contra mão a Lei nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008, proíbe o uso de telefone celular nas salas de aula das escolas públicas e privadas no Estado de Santa Catarina. Observa-se que à medida que as tecnologias evoluem ela vai se adaptando na forma mais compacta, fácil e prática. Assim é que o celular vai ocupando espaço por ser uma tecnologia cabível no bolso, de fácil acesso, manuseio e abrangência. Além de telefonar é possível ouvir rádio, mp3, assistir TV, tirar fotos, fazer filmes, gravar voz, jogar videogames, acessar a internet para pesquisa, informações e dados, mandar e-mails, bater papo em redes sociais e inclusive projetar em tela dentre outras muitas funções.

Perde ainda pelo notebook e pelo projetor porque celulares que agregam tais tecnologias ainda não estão no patamar financeiro de todos. Será óbvio que os custos dos aparelhos irão se adequar ao orçamento e esta tecnologia ainda irá liderar.



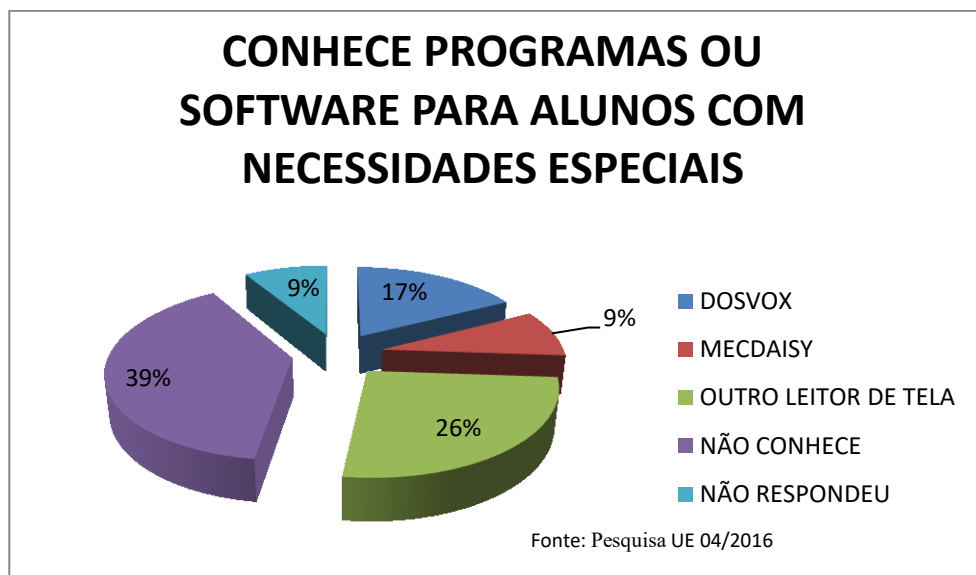
“Os telefones celulares atuais são pequenos, leves, tem baterias duradouras, funcionam em quase todos os lugares e há muito deixaram de exercer apenas a função de telefone (...) são verdadeiras centrais multimídias computadorizadas.” (Texto: Uso Pedagógico do Telefone Móvel).

A cena de professor somada a dois ou três alunos transportando equipamentos de multimídias para as salas de aulas devem perdurar por mais algum tempo com significativo transtorno de perda de tempo entre arrumar, ligar, funcionar, desmontar e guardar. Enfim, o atraso na substituição de tecnologia pela praticidade ainda leva metade do tempo que já é escasso.

Se as TDIC ainda engatinham o que dizer sobre a TA? Várias tecnologias podem se mostrar eficientes no atendimento de alunos com necessidades especiais. O celular é um exemplo extraordinário disso. Principalmente se referindo à deficiência visual o celular por si só pode se mostrar uma ferramenta sem aplicabilidade. Quando conjugado aplicativos de softwares específicos tornam-se eficientes instrumentos de Tecnologia Assistiva dando acessibilidade agregando conhecimento e proporcionando a inclusão do indivíduo.

A pesquisa mostra exatamente a dificuldade dessa aplicabilidade. A questão está no número de profissionais que atuam com alunos com necessidades educativas especiais e o seu conhecimento em softwares que possam se agregar as especificidades de cada indivíduo. O número de professores que desconhece os programas é tão expressivo quanto ao número de professores que dizem conhecer.

O passo seguinte seria o uso das tecnologias que conhece ou ouviu falar. Saber da existência é um passo e o segundo seria conhecer e utilizar com eficiência.



Reconhecidamente falta a formação específica para o uso das TDIC e TA. É inimaginável a responsabilidade na condução de um sistema de ensino por pessoas com visão das necessidades e das ineficiências da educação.

Quando a razão for fator predominante a condução e a direção for comandada pelos melhores as dificuldades tenderão a diminuir.

Conforme a pesquisadora Revista Educação:

Muitos professores de AEE (Atendimento Educacional Especializado) reconheceram o despreparo para atender todas as deficiências e uma das prováveis razões disso é o fato de a maioria ser graduada em pedagogia ou psicopedagogia, e não em educação especial. Existe uma lacuna na formação desses professores difícil de ser preenchida com os programas on-line de formação em educação especial do MEC. (KUZUYABU, 2016, p. 35).

Após o aparelhamento das escolas, faz-se necessário a formação e capacitação dos profissionais. A capacitação deve ser específica de quais TDIC ou recursos de TA são adequadas para cada caso, como utilizar estas tecnologias, suporte didático para implementar os conteúdos, acessibilidade e o currículo escolar promovendo a inclusão. Só assim se estará fazendo as transformações e mudanças necessárias e significativas tão imprescindíveis para a educação inclusiva e de qualidade.

Assim, é de competência dos órgãos governamentais, dos gestores, a equipar suas escolas. Isso sem gastos exorbitantes, mas sim com baixos custos nas tecnologias adequadas para o uso em cada caso que atenda as reais necessidades. As tecnologias não podem ser sugeridas de cima para baixo. Somente o professor que dela necessita é que será capaz de sugerir e posteriormente fazer a mesma cumprir sua função.

Conforme afirmativa de diversos professores alvos da pesquisa a importância da inclusão do aluno com necessidades especiais na escola e na sociedade não se deve tão somente aos alunos, mas também é relevante a todos os familiares. “Fazer com que o indivíduo leve uma rotina normal. O aluno com necessidades especiais é um cidadão com igualdade de direitos e deveres. É na escola onde ele encontra um ambiente socializador, que oferece conhecimento, afeto, autonomia e regras de convivência, para que este aluno de fato possa estar incluído no ambiente escolar e na sociedade. Valorização pessoal, autoestima do aluno, reconhecer que todos possuem talentos e qualidades, respeitar as individualidades de cada um. Estamos vivenciando um momento de inclusão das pessoas com necessidades especiais, um processo de aprender a respeitar as diferenças. A escola tem o papel de promover o aprendizado para o convívio com as diferenças, envolvendo todos respeitando seus limites com oportunidades de troca e crescimento”.

Há de considerar que alguns professores possuem visão no mínimo estranha ao processo de inclusão até aqui abordado. “É importante à inclusão de alunos com necessidades especiais, não tanto pela aprendizagem de conteúdos, mas sim pela oportunidade de socialização”. “Penso que é muito importante não pelos conteúdos de cada área do

conhecimento em si, mas sim para a inserção desse aluno em sociedade no que se refere aos contatos e vivências com o outro”.

A Revista Educação, Inclusão pra Valer:

Em muitas escolas, ainda, os alunos-alvo da educação especial vão para a sala de aula apenas para socializar-se. Dependendo do caso, eles passam quatro horas sem desempenhar qualquer atividade. Isso é inclusão? Questiona Enicéia Gonçalves Mendes. (KUZUYABU, 2016, p. 34).

Em uma prática pedagógica verdadeira e inclusiva o aluno deve ser o sujeito que constrói seu conhecimento num processo pessoal e em conjunto com a interação social.

Ainda conforme pesquisa com professores da EEB Sara Castelhana Kleinkauf: “A inserção desses alunos na escola é uma forma de fazê-los interagirem com pessoas de sua faixa etária tornando-os sociáveis, pois ainda existem famílias que os isolam desses ambientes. Como a escola oferece atendimento individualizado e especializado, auxilia muito em seu desenvolvimento”. “Do ponto de vista social: uma boa estratégia de desenvolver a consciência da aceitação do ser portador de necessidades especiais. Do ponto de vista pedagógico: um amargo regresso. Começando pelo despreparo do profissional professor, pela falta de estrutura ou deficiência na estrutura física. As Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) estão melhores estruturadas física e pedagogicamente para detectar o grau de deficiência ou necessidade do ser e daí planejar e desenvolver atividades condizentes com o grau e a necessidade encontrada. Em pleno século XXI a sociedade não está educada, preparada para conviver com as pessoas que apresentam alguma diferença física e mental, haja vista a contrariedade das instituições quando tem que se ajustarem as leis, quando que deveria acontecer naturalmente, conscientemente.” “A inclusão do aluno com necessidades especiais é um meio de demonstrar, na prática, que somos únicos, apesar de nossas capacidades ou limitações. Acredito que é uma maneira de fazer com que este indivíduo se sinta parte do meio onde vive, e que não é, ou não deve ser considerado inferior a ninguém. O quebra de paradigmas, o enfrentamento ao preconceito e a valorização do diferente são questões significativas, as quais devem ser tratadas com muita responsabilidade e respeito. Nenhum ser humano, que se diz normal, está livre de se tornar uma pessoa com necessidades especiais, haja visto que o amanhã é apenas uma incerteza. Hoje sou assim, amanhã posso estar de outro modo, seja físico ou mental”.

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. (ROPOLI, MANTOAN, SANTOS, MACHADO, 2010, p. 9).

Quando os professores são perguntados sobre as dificuldades e entraves encontrados em seu trabalho para a inclusão do indivíduo com necessidades especiais as respostas em sua maioria apontam para os problemas já expostos. Repetem-se as respostas: “Falta de cursos de capacitação para trabalhar com eles. Pouca formação na área (apenas cursos). Sinto-me despreparada para trabalhar com alunos que possuem alguma necessidade especial. Em minhas graduações não tive essa formação. A principal é a falta de conhecimento de como trabalhar com cada um, de acordo com suas necessidades. Qual a forma/estratégia é mais eficaz para promover o desenvolvimento ensino aprendizagem desses alunos. Profissionais especializados e/ou com formação para atuar com estes indivíduos. Nem todo o professor tem a devida formação para fazer esse atendimento. Políticas mais adequadas, mais formação e informação”.

A falta de formação específica para atuar com alunos com necessidades especiais e sua inclusão é ponto ponderado por grande parte dos professores. Mostra que a educação ainda falha na formação e capacitação desses profissionais. Então o que dizer de uma escola onde praticamente suprimiu-se o planejamento? A carga horária excessiva dos professores preenchendo todo o tempo. Hora atividade que a cada ano vem se modificando. Esses problemas não menos graves são citados: “Falta de tempo para trabalhar especificamente com esse aluno uma vez que este precisa de atenção especial. Falta de tempo disponível, pois não tenho hora atividade para planejar, preparar e pesquisar o material para adaptar as atividades, pois o aluno é acompanhado em tempo integral. Mais disponibilidade de tempo para organização do material, e a dificuldade maior, quando há sala superlotada”.

Somam-se aí inúmeras reclamações como “excesso de alunos nas turmas, os recursos tecnológicos não estão à disposição, faltam de espaço adequado, material didático adequado, melhorias na acessibilidade. Até mesmo a falta de aceitação, indiferença, respeito às diferenças, dificuldade do aluno, a turma que não acolhe de forma ideal, a falta de compreensão e o desconhecimento do diagnóstico. Problemas com próprios familiares, pois cobram e querem que seu filho aprenda e evolua tanto quanto a turma que ele está inserido até mesmo a resistência por parte do indivíduo com necessidades especiais”.

Conforme relato de professores: “Quando trabalhamos os conteúdos, fazemos para a turma toda, então é difícil atender situações especiais, porque a dedicação é única, vejo desta forma que, o segundo professor é que tem o compromisso de atender de forma individual. O problema é que nem todos os professores têm a devida formação para fazer esse atendimento”. “O segundo professor precisa ser mais criativo em adequar e procurar estratégias para fazer o entendimento do conteúdo com o aluno especial”. “Com a presença do

segundo professor as dificuldades são sanadas, fazendo com que o trabalho flua naturalmente”. O segundo professor afirma: “É trabalhado conforme as necessidades de cada aluno, readaptando as atividades de cada um. Assim se torna mais fácil trabalhar”.

De maneira menos intensa, porém citada foi à questão do “preconceito que as pessoas têm com relação ao aluno com necessidades especiais. Normalmente se trata o mesmo com certa inferioridade, no sentido: ele não consegue, mas será aprovado assim mesmo. Faz da educação especial ou da educação inclusiva apenas uma meta a ser atingida numericamente”.

Conforme a Revista Educação é inegável o valor das ações e legislações que avançaram, mas certamente elas não garantem sua efetivação e generalização para todos os sistemas de ensino, logo não resultará na oferta de igualdade, qualidade e inclusão para todos os alunos. Dados do censo escolar da Educação Básica mostram que o número de matrículas de estudantes com necessidades especiais entre os anos de 1990 a 2014, aumentou cento e sessenta por cento (160%). Um aumento significativo de avanços, mas na realidade gerou um aumento de problemas que precisam ser resolvidos. Assim em muitas escolas os alunos da educação especial vão para a sala de aula apenas para socializar-se, passando quase a totalidade do tempo sem desenvolver nenhuma atividade condizente com suas dificuldades. Faltam aí condições adequadas para a inclusão. (KUZUYABU, 2016, p. 32-34).

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas.

Diversas falas dos professores alvos da pesquisa, em apoio ao uso de tecnologia aos alunos com necessidades especiais são significativas:

“As tecnologias são extremamente importantes, ao permitir ao aluno desenvolver atividades, buscar informações, ter acesso a uma infinidade de conteúdos e formas diferenciadas de realizar atividades cotidianas. Penso que o aluno, ao tempo em que vai tendo acesso às tecnologias diferenciadas e adaptadas às suas condições, vai construindo sua autonomia”.

“É muito importante, pois as tecnologias são ferramentas que servem de apoio e suporte ao aprendizado, visando superar e aumentar a capacidade funcional dos alunos com necessidades especiais”.

“Uso da tecnologia é importante para todos os alunos. No caso dos indivíduos com necessidades especiais, ajuda na compreensão, facilita o trabalho do professor e agiliza o processo educacional”.

“É de suma importância, é uma ferramenta que veio acelerar o processo de desenvolvimento e inclusão do ser”.

“É mais uma ferramenta que se bem utilizada vai servir e diminuir a distância entre o saber e aprender”.

“Muito importante, pois todos os recursos utilizados de forma correta podem contribuir para o desenvolvimento do educando”.

“Cria uma nova expectativa, curiosidade, o interesse, para buscar algo novo que lhe dá prazer de conhecê-lo”.

“As tecnologias são ferramentas importantes para auxiliar na apropriação do conhecimento e na autonomia do aluno. Auxilia na compreensão dos conhecimentos bem como oportuniza estar globalizado, em sintonia com todos”.

Conforme caderno Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa – Educação Inclusiva (2014, p. 69):

O computador associado à internet facilita a realização de atividades escolares e extraescolares; assim a pessoa cega e a com baixa visão, independentemente da faixa etária, podem acessar informações em sites e bibliotecas digitais, fazer pesquisas, desenvolver habilidades de comunicação e produzir conhecimento. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilita também o acesso a livros através de leituras realizadas por meio de leitores de telas.

As possibilidades existentes referendadas são muitas, mas é na interação com os alunos e na busca constante por parte do professor que esses recursos e inovações tornam-se práticas que venham a atender as reais necessidades. Na escola, há um leque ilimitado de ações pedagógicas, com uma grande diversidade de atividades, tanto na busca de informações quanto para aprendizagem. Com o uso da sala informatizada pode oferecer aos educandos jogos educativos, gráficos, planilhas, programa para produção de texto, internet; criando condições de aprendizagem. Isto significa que o professor deve deixar de ser o repassador dos conhecimentos, para ser o mediador e criador de ambientes de aprendizagem facilitando o desenvolvimento intelectual do aluno desde os anos iniciais da escolarização, promovendo a inclusão, o conhecimento sobre o mundo, as ciências e as tecnologias. (E-PROINFO, Núcleo de Base 1, 2014).

As dificuldades encontradas para a aplicação dos recursos de Tecnologia Assistiva apresentadas pelos professores identificam-se com as mesmas dificuldades no trabalho para a

inclusão dos indivíduos com necessidades especiais. O professor de área trabalha com turmas numerosas, não consegue fazer atividade especial diferenciada utilizando as TDIC e TA ou atendendo na individualidade o aluno especial. Atribui a responsabilidade maior ao segundo professor.

“Muitas vezes enfrentamos a falta de tecnologias ou materiais adequados para atender o aluno. Em outras situações acredito que a nossa preparação, enquanto profissionais da educação especial, deixa a desejar, ou seja, não temos o domínio das tecnologias o que acaba resultando no seu mau uso ou na não utilização”.

Em síntese, falta conhecer, material adequado para cada deficiência, saber lidar com estas tecnologias, formação ou capacitação do professor, tempo disponível para praticar e para a sua aplicabilidade.

A avaliação do papel e da contribuição do segundo professor em sala de aula com o aluno com necessidades especiais tem causado clara divisão de opiniões entre os professores. Neste contexto há necessidade de se retomar o papel do segundo professor deixando claro quais as funções de cada um em sala de aula.

Em defesa o professor justifica dizendo: “É de grande relevância o comprometimento do segundo professor que auxilia ou é corregente ao professor da turma. O aluno com necessidades especiais necessita constantemente de auxílio para que ele possa apropriar-se do conhecimento, socializar-se e adquirir autonomia para viver em sociedade e quando possível ingressar no mundo do trabalho. O papel do segundo professor vai muito além do cognitivo, é preciso estar atento às condições do aluno como: família, a questão afetiva, alimentação, higiene, organização, o emocional, suas potencialidades e suas limitações”.

“O trabalho do segundo professor deve ser realizado para fazer com que o aluno se sinta seguro, que ele tenha um suporte, que possa fazer perguntas sem constrangimentos. Penso que a principal função é encorajar o aluno, estimulá-lo para que continue buscando, mostrando que, apesar de possuir algumas limitações e dificuldades não deve se considerar inferior a ninguém. O aluno deve ser visto sempre como em grande potencial a ser trabalhado claro, dentro de suas condições específicas. O segundo professor deve fazer a ponte entre o que o aluno está desenvolvendo e até onde ele pode chegar. Penso que por vezes, na ânsia de obter resultados positivos, acabamos agindo com certo protecionismo com o aluno, auxiliando-o onde ele deveria ser mais autônomo”.

Outras afirmações positivas como: “Avalio como um papel muito importante, que vem a contribuir e fazer a diferença na vida do aluno com necessidades especiais”.

“O segundo professor é fundamental, pois consegue trabalhar o individual para que o indivíduo possa entender e participar do coletivo”.

“O segundo professor ampara o aluno, busca orientar o mesmo a superar seus limites. É peça fundamental no ensino do aluno com NEE”.

“É muito importante, pois é um trabalho especial com cada um dos alunos. O segundo professor faz um complemento necessário para a nossa criança que necessita de apoio”.

“Importante a presença do segundo professor, porque dá segurança ao aluno com necessidade especial, faz adaptação dos conteúdos trabalhados facilitando a aprendizagem do mesmo”.

“Importantíssimo, pois ele adapta as atividades de acordo com as necessidades dos alunos”.

“Muito bom, pois contribuem especificamente para cada um desses alunos com dificuldade”.

Outro grupo de professores coloca um ponto de interrogação. Surgem os “porém” e “às vezes”.

“O papel (função) do segundo professor é tão importante quanto o de qualquer outro professor de área. Porém, o que se percebe em muitos casos é que o segundo professor não desempenha com eficácia sua função. Em alguns casos por falta de prática, outros por comodismo (mais fácil fazer para o aluno) o que é muito prejudicial para a aprendizagem do aluno”.

“Dependendo do profissional, se for competente e esforçado, poderá contribuir e muito. O que não pode é o professor fazer por ele: aluno. Isso gera acomodação”.

“É bom, mas geralmente é diferente a cada ano e acaba sendo um professor e não um especialista na área da deficiência, por isso às vezes contribui pouco”.

“Na maioria despreparada. Para que a aprendizagem aconteça, diz a metodologia, que é preciso o ser desenvolver o afetivo, o cognitivo e o psicomotor. A pessoa com necessidade especial desenvolve primeiro o afetivo, o que pode levar de seis meses a um ano. Quando essa pessoa começa a confiar termina o ano, e troca-se o professor, então o processo sempre recomeça, o meio e o fim ainda fica mais distante”.

“Importante, bom, contribuindo com o trabalho do professor titular. O ponto negativo é que na maioria das vezes este professor não tem formação específica”.

“De forma objetiva eu diria que tem professores capazes de desenvolver seu trabalho e outros despreparados e sem capacidade”.

“O papel de auxiliar o aluno, desafiá-lo, estimular e motivá-lo a enfrentar os obstáculos, porém, jamais fazer as atividades para ele. Encontrar alternativas, caminhos para que realmente o aluno possa estar incluído na aprendizagem e na vida social”.

“Sinto que ainda temos que evoluir muito nesse aspecto. Qual o papel e como esse profissional deve agir. Muitos fazem atividades para o aluno, outros acomodados, não preparam atividades adaptadas, não estimulam o aluno a buscar e andar com suas próprias pernas. Porém, temos profissionais excelentes que são verdadeiros e exercem seu papel com grande mérito”.

Conforme Salto para o Futuro – Educação Especial: Tendências atuais, (1999, p. 68).

[...] este novo momento passa a exigir dos professores outros conhecimentos além daqueles que receberam nos seus cursos de formação para o magistério. [...] é indispensável uma reforma na formação dos professores, que precisam aprender a identificar e atender às necessidades especiais de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos portadores ou não de deficiência. [...] requer, por parte dos professores, maior sensibilidade e pensamento crítico a respeito de sua prática pedagógica. Esta prática pedagógica deve ter como objetivo a autonomia intelectual, moral e social de seus alunos. [...] o professor precisa ter capacidade de conviver com os diferentes, superando os preconceitos em relação às minorias. Tem de estar sempre preparado para adaptar-se às novas situações que surgirão no interior da sala de aula.

É evidente a necessidade de se retomar a discussão com todo o grupo docente que atendem alunos com necessidades especiais para listar as atribuições do segundo professor de classe e do professor regente, como constam no PPP. Fica ainda ao encargo do professor do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE) e das chefias imediatas o suporte didático e pedagógico para a correção de posturas antiéticas que venham a ocorrer. Evidências citadas quando não resolvidas tendem a ser agravantes desvirtuando todo o trabalho construído.

Por fim o trabalho realizado na Sala Multifuncional – Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE) demonstra que os professores tem ciência do trabalho desenvolvido. Reconhecem: “Muito bom, é bem produtivo e se percebe a evolução e aprendizagem dos educandos”.

“Excelente trabalho, com programas e materiais específicos, materiais alternativos e metodologia diferenciada”.

“É muito importante os atendimentos do SAEDE onde o trabalho é diferenciado, trabalhado de uma forma diferente da sala de aula, com outros recursos, materiais, o resultado é positivo. Em minha opinião, ajuda o educando com dificuldade a juntar-se com o meio em que vive, buscando alternativas para melhorar seu convívio com o meio”.

“Acho o trabalho do SAEDE muito importante, pois feito com qualidade ajuda muito no desempenho do aluno, tanto na aprendizagem, como na socialização e na aquisição de habilidade pessoal”.

“Muito interessante, pois trabalha, desenvolve diferentes habilidades nos indivíduos”.

“Profissional que conhece as necessidades de cada criança especial e trabalha no sentido de estimulá-los a progredir”.

“É necessário e importante atendendo os alunos com necessidades especiais, dando uma atenção maior, explicando e trabalhando de forma diferente, facilitando a compreensão, elaborando e aplicando exercícios extras, melhorando o aprendizado do aluno”.

“Os trabalhos realizados no SAEDE são formas de fortalecer o que o aluno consegue fazer, possibilita ir além, é um trabalho que muitas vezes, na visão geral das pessoas, não surte grandes efeitos, mas, a que se considerar que para quem possui um aluno, ou um filho com necessidades especiais, qualquer avanço já pode ser considerado uma importante conquista. É uma forma de dizer: aqui você tem possibilidades de ir um pouco mais além”.

“O SAEDE é um suporte necessário aos educandos com deficiência para acesso ao conhecimento, possibilitando o aluno a novas oportunidades, para elaboração do saber escolar”.

“É muito importante, pois o atendimento é realizado em grupos respeitando a idade de cada aluno. O atendimento é feito de forma individual dependendo da necessidade de cada um”.

“Pelo que vejo é feito um reforço dos conteúdos trabalhados dentro da capacidade de cada um. É uma forma de medir algo que o aluno consegue aprender para a vida”.

Conforme Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2010, p. 21 - 22).

Atendendo no contra turno os alunos com necessidades especiais complementando ou suplementando conforme as necessidades do aluno. Este serviço não é reforço e não substitui a escola comum. Trabalha a especificidade de cada um favorecendo a participação e a inclusão. Facilitar e ampliar o acesso ao conhecimento, obter independências nas atividades

do dia a dia, desenvolver a autoestima e autonomia. Desenvolvendo essas atividades o aluno com necessidades especiais desenvolve habilidades que contribuirão para o aprendizado acadêmico.

As análises dos dados pesquisados demonstram e expõem lacunas que necessitam de muito esforço e empenho do conjunto que envolve o sistema educacional como um todo. Se a busca é por qualidade na educação ainda é uma realidade, faz-se necessário a adoção de medidas eficazes para a correção de distorções já identificadas.

Em ordem decrescente, o sistema de ensino deve alicerçar-se de mecanismos que possam efetivamente zelar pelo cumprimento e aplicabilidade das leis já existentes.

O estado necessita de agilidade e competência para fazer funcionar sua estrutura hierárquica até chegar ao ponto final que é o professor. Investir em estruturas físicas e materiais pedagógicos específicos e adequados para o atendimento de alunos com necessidades especiais. Investir nos recursos humanos uma vez que os professores alvo da pesquisa possuem suas formações, porém demonstram falta de capacitação e dificuldades para trabalhar a inclusão e os recursos de Tecnologia Assistiva (TA). Uma formação continuada que atenda as especificidades alicerçando e instrumentalizando contemplando os profissionais que trabalham com educação especial.

Política adequada na contratação de profissionais na educação. Professor não pode exercer outra profissão de maneira legal, porém qualquer indivíduo sem profissão pode assumir a função de professor. Isso ocorre nas chamadas públicas para a escolha de aulas. A rotatividade, principalmente dos Admitidos em Caráter Temporário (ACTs), compromete e dificulta a continuidade de um trabalho, até porque em sua maioria não tem formação específica na área e pouca experiência.

Há de questionar a qualidade das licenciaturas uma vez que 95% do corpo docente possuem graduação e 86% possui especialização. Com essa graduação os problemas enfrentados e as dificuldades deveriam ser bem menores.

Se a escola possui considerável acervo de materiais tecnológicos a disposição e professores declararam falta de recursos e materiais isso necessita de aprofundamentos.

É imprescindível que o coletivo dos professores busque o seu espaço no mundo tecnológico e globalizado, assumindo o seu papel com eficiência e dignidade, traçando rumos e caminhos para uma educação mais inclusiva e de qualidade. O aluno precisa; colaborar, querer e também criar estratégias para sua superação.

“Para a maioria das pessoas, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis.” (RADABAUGH, 1993).

5 CONCLUSÃO

Atualmente o mundo sente fortemente os reflexos da globalização. A humanidade vive um momento de profundas e aceleradas transformações. As formas de produção e construção de conhecimentos, comunicação e interação entre os indivíduos foram significativamente modificadas com a presença das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

A sociedade traz no seu bojo histórico o contínuo processo de ruptura e mudanças, passando a adotar técnicas específicas para atender indivíduos com necessidades especiais através dos recursos e serviços de Tecnologia Assistiva (TA), garantindo a inclusão, autonomia, conhecimento, independência e acessibilidade. Assim, a escola urge inteirar-se ao processo evolutivo adotando práticas e estratégias que culminem em melhorias educacionais.

Com o estudo das legislações vigentes sobre a Tecnologia Assistiva como mediadora na inclusão de indivíduos com necessidades especiais é possível afirmar que elas são suficientemente elaboradas, definidas, claras e específicas para se ter um atendimento adequado e de qualidade quando se tratar de inclusão. Historicamente os avanços são elogiáveis em termos de legislação, pois se mostraram significativos para se atingir o patamar atual. Cabendo a responsabilização de cada órgão específico na execução, acompanhamento e aplicabilidade, para que teoria e prática não se dissociem.

O referencial teórico sobre currículo, inclusão, TDIC e TA são amplos e deram um bom embasamento norteando as situações vivenciadas no contexto de nossa escola. Foi possível fundamentar toda a importância do acesso e uso das tecnologias. Deixam evidentes as ações que precisam ser implementadas para que se possam melhorar os resultados.

Nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pesquisou junto aos professores que trabalham com indivíduos com necessidades especiais e constatou o nível de conhecimento, inserções e utilização dos recursos e serviços de Tecnologia Assistiva.

É consenso entre o corpo docente, alvos da pesquisa, que as TDIC e TA permitem a criação de práticas inovadoras que contribuem para que a aprendizagem não seja limitada a sala de aula, mas sim para ampliar os espaços, a pesquisa, registros, informações, interação, produção, sistematização e estimulação do trabalho coletivo.

Nosso estudo também demonstrou as complexidades educacionais constatadas na diversidade de ideias expostas ao longo da pesquisa. Se práticas inovadoras estão ocorrendo de forma acentuada, uma parcela ainda contribui para o imobilismo educacional frente aos avanços tecnológicos. Profissionais adeptos a inclusão e as mudanças sofrem as pressões

diante das diferentes realidades, de práticas e modelos educacionais defasados, pedagogicamente inócuos e excludentes.

O presente estudo possibilitou uma visão mais ampla do conhecimento sobre a abordagem do tema proposto, deixando explícito o retrato escolar. As questões abordadas revelam o posicionamento dos professores frente às dificuldades encontradas e do grau de conhecimento.

É visível que a escola tem suas dificuldades em acompanhar as mudanças tecnológicas, porém os dados demonstram avanços significativos na inserção e uso das tecnologias. É importante para um trabalho significativo com o uso das TDIC que o professor se desafie ao novo, buscando sua autoformação. Alguns devem possuir o desejo em superar os desafios da profissão, necessitam alfabetizar-se com as tecnologias para que em seguida possa orientar os alunos a ler e interpretar criticamente as mensagens das mídias. Diante das dificuldades é importante que o professor se disponha a aprender, planejar e utilizar as TDIC e Tecnologia Assistiva que se somam ao currículo e ao conhecimento científico.

A escola garantirá mais progressos, quando se alinhar com as necessidades bem pontuais e específicas como a capacitação dos profissionais sobre o tema em estudo, pois este novo momento passa a exigir dos professores outros conhecimentos além daqueles que receberam nos seus cursos. Essas ações poderão contribuir para uma melhora na educação e na forma de ensinar, pois as TDIC e TA oferecem inúmeras possibilidades de aprendizagens, múltiplas linguagens de comunicação o que potencializa as práticas pedagógicas e com isso desenvolve e promove a autonomia e conhecimento. O aprender agir, também pressupõe saber agir em todas as situações do cotidiano, tomando decisões, organizando atividades, coordenando ações, otimizando recursos humanos e materiais, tanto dentro como fora do ambiente escolar. É imprescindível estar sempre preparado para adaptar-se às novas situações que surgirão, pois se para maioria das pessoas em seu dia a dia as tecnologias são instrumentos que contribuem significativamente para facilitar as atividades, para as pessoas com necessidades especiais essas tecnologias vem contribuir para tornar as atividades cotidianas possíveis.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria E. B. Integração de currículo e tecnologias: a emergência de web currículo. Anais do XV **Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- ALMEIDA, Maria E. B.; VALENTE, José A. **Tecnologias e Currículo**. Trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Editora Paulus, 2011.
- ASSISTIVA, **Tecnologia e educação**: <http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>
- BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM. MEC/SEESP - **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2007 - Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/biblioteca/Politica_Nacional_de_Educacao_o_Especial_na_Perspectiva_da_Educacao_Inclusiva.pdf
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#!/site/biblioteca>>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- BERSCH, Rita. **Tecnologia assistiva e educação inclusiva**. In: Ensaio Pedagógico. Brasília: MEC/SEESP, 2006. p. 89-94.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**/Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2010. p. 21-22.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1999.
- CAT – COMITÊ DE AJUDAS TÉCNICAS, no Brasil, instituído pela Portaria nº 142, de 16 de novembro de 2006.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Z Geração do Agora** – Documentário – Vídeo Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ssl5VXD_X5I. Acesso em: 23 abr. 2016.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997. p.95.
- E-PROINFO. Núcleo de Base 1, Núcleo de Base 2, Núcleo de Gestão, Núcleo Tecnologias Assistivas, PLAC 1, PLAC 2, PLAC 3. Disponível em: <http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/interativo/acessar_espaco_sistema/acessar.htm>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga, PANTOJA, Luísa de Marillac P., MONTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento educacional especializado**. SEESP/SEED/MEC. Brasília, DF-2007.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981. p.79.

GESTÃO ESCOLAR. **PPP**. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/projeto-politico-pedagogico-ppp-pratica-610995.shtml>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

GIESTEIRA, Marcos. Tecnologia a Favor da Inclusão. **Revista Pátio**, nº22, p. 38-41, ano VI, setembro/novembro 2014. Porto Alegre, Grupo A Educação S.A.

GLAT, Rosana e NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil**. In: Revista Integração. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Ano 14, edição nº 24/2002.

IBGE: **Pessoas com Deficiências**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

KUZUYABU, Marina. Inclusão na prática. **Revista Educação**, abril/2016, ano 19, nº 228, p. 32-37, São Paulo, SP.

LEGO ZOOM. Projeto de Educação Tecnológica. **Revista Lego Education**. Curitiba, 2003.

LEI DE DIRETRIZES E BASE: Lei nº 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 abr. 2016.

LEI Nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-14363-2008-santa-catarina-dispoe-sobre-a-proibicao-do-uso-de-telefone-celular-nas-escolas-estaduais-do-estado-de-santa-catarina>

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar**. São Paulo. Summus, 2006. p.57.

MANZINI, E. J. **Tecnologia assistiva para a educação**: recursos pedagógicos adaptados. In: Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas. Brasília: SEESP/MEC, 2005.

MEC/SEESP - **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** - Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf

MELO, Amanda Meincke; https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_assistiva.

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: **Educação Inclusiva**/ Ministério da Educação- Brasília: MEC, SEB, 2014.

PARIS, F. R. Giacometti. Liguem seus celulares, a aula vai começar. **Jornal Mundo Jovem**, ano 54, nº 464, março 2016. p. 2.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 25.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA: Disponível em: <http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1961&Itemid=1>. Acesso em: 24 abr. 2016.

PPP. Projeto Político Pedagógico, **EEB. Sara Castelhana Kleinkauf**. Guaraciaba, SC, 2016.

QUINTANA, M. **Caderno H. 2.** ed. São Paulo: Globo, 2006, p. 93.

RADABAUGH, Mary Pat. **Study on the Financing of Assistive Technology Devices of Services for Individuals with Disabilities** - A report to the president and the congress of the United State, National Council on Disability, Março 1993. Disponível em <<http://www.ccclivecaption.com>> Acesso em 04 dez. 2007.

REDE SACI, 2004. Universidade de São Paulo, USP, Disponível em: <http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=12909>.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva**. Brasília, MEC, SEE. Fortaleza, UFC, Ceará, 2010.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Ceará, 2010. p.9. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/biblioteca/Colecao_Educacao_Especial_Fasciculo_1.pdf.

SALTO PARA O FUTURO: **Educação Especial: tendências atuais**/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. p. 5, 68.

SANTA CATARINA. **Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina**. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. São José: FCEE, 2006. p.21.

SANTA CATARINA. **Programa Pedagógico**. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. São José, SC: FCEE, 2009. p.16.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão**, Revista Nacional de Reabilitação, ano VIII, n. 39, julho/agosto 2004. p.18, 24.

VIVARTA, Veet, coordenação. **Mídia e Deficiência**. Diversidade – Brasília: Andi; Fundação do Banco do Brasil, 2003. p. 20.



ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO

UFSC- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA ESPECIALIZAÇÃO
EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL



Professor orientador: Cristiano Neves

Cursista: Beatriz Maria Pizetta Baptistella

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DO ENSINO REGULAR QUE TRABALHAM
COM ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

Gostaria de sua colaboração respondendo esse questionário.

1- Quanto tempo atua no magistério:

0 à 5 anos. 5 à 10 anos. mais de 10 anos.

2- Grau de formação:

Sem habilitação. Graduação Especialização Mestrado

3- Área de atuação? _____

4- Já ouviu falar em Tecnologia Assistiva? Sim. Não.

5- Faz uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em sala de aula?

Sempre. Muitas vezes. Raramente. Nunca.

6- Quais das TDIC você utiliza em suas aulas:

Celular. Tablet. Notebook. TV. Projetor/Multimídia.

Câmara digital. Filmadora. DVD player Impressora. Lupa.

Outros: citar;

7- Conhece algum Programa ou software para alunos com necessidades especiais?

Leitor de tela: Dosvox. Mecdaisy.

Outros: citar; Não conhece.

8- Qual é a importância da inclusão do aluno com necessidades especiais em nossa escola e sociedade?

9- Quais são as dificuldades e entraves encontrados em seu trabalho para a inclusão do indivíduo com necessidades especiais?

10- Qual a importância do uso das tecnologias para alunos com necessidades especiais?

11- Quais as dificuldades encontradas para a aplicabilidade das TDIC?

12- Como você avalia o papel e a contribuição do segundo professor em sala de aula para o aluno com necessidade especial.

13- Qual a importância do trabalho realizado na Sala Multifuncional – SAEDE (Serviço de Atendimento Educacional Especializado). Comente o que você sabe: